

**O falecimento do Professor Doutor Raymundo Nina Rodrigues,
em Paris, a 17 de Julho de 1906** e a narrativa da chegada
do cadáver ao porto desta capital, no dia 10 de agosto do mesmo ano.
A exposição minudenciosa das exéquias do célebre cientista brasileiro.

Dr. Antonio Carlos Nogueira Britto

Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia

Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins, Salvador, Bahia, Brasil

Parte I

Sábado, 28 de abril de 1906 – O livro de atas das sessões da egrégia Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia, ao Terreiro de Jesus, lavrou a reunião do corpo docente da dita Faculdade realizada aos vinte e oito dias do mês de abril do ano de mil novecentos e seis, a uma hora da tarde, sob a presidência do diretor Dr. Alfredo Britto.

“Foi lido o aviso do Governo, N.º 587, de 5 do corrente, nomeando o lente Dr. Raymundo Nina Rodrigues para representar o Brazil na qualidade de seu delegado no 4.º Congresso Internacional de Assistencia publica e privada que se reunirá em Milão, de 23 a 27 de Maio vindouro, sendo lhe marcado o prazo de quatro mezes, e computado esse tempo como serviço effectivo para a jubilação.”

O sobredito aviso da “Directoria do Interior, 1.ª Secção do Ministerio da Justiça e Negocios Interiores”, era assinado pelo ministro baiano Dr. J. J. Seabra e acrescentava: “Durante o prazo dessa commissão, que não excederá de 4 mezes contados da data da partida, o referido lente perceberá integralmente seus vencimentos em moeda do paiz e não será prejudicado no computo de serviço effectivo para a jubilação.”

Domingo, 5 de maio de 1906 - Embarcava, naquela data, para Milão, Itália, a bordo do luxuoso paquete francês Atlantique, o ilustrado e ilustre cientista e catedrático de Medicina Legal da Faculdade de Medicina da Bahia, Prof. Dr. Raymundo Nina Rodrigues, que irá representar o Brasil no importante Congresso de Assistência Pública e Privada, em Milão, que terá lugar na sobredita cidade. O Dr. Nina Rodrigues, colaborador da respeitável folha Jornal de Notícias, desta capital, viajou acompanhado de sua esposa, D. Maria Couto Nina Rodrigues e sua filha Alice.

A consorte do Dr. Nina Rodrigues era filha do conselheiro Jozé Luiz de Almeida Couto (1833-1895), lente da 2.ª cadeira de Clínica Médica e irmã da inditosa esposa do Dr. Alfredo Britto, D. Júlia de Almeida Couto Britto, falecida a bordo do paquete Thames, da “Royal Mail Steam Packet Company, a 8 de setembro de 1905, com destino a Paris, vitimada por complicações de sarampo, e sepultada em pleno oceano Atlântico, quando viajava, com destino a Paris, ao lado do esposo, o diretor da Faculdade de Medicina da Bahia, Dr. Alfredo Britto, concunhado, portanto, do Dr. Nina Rodrigues.

Já antes de embarcar no Atlantique, o Dr. Nina Rodrigues, vinha apresentando sérias alterações no seu estado valetudinário e todos os seus colegas, amigos, admiradores, clientes e todo o corpo da redação da sobredita gazeta, oravam para que ele voltasse restabelecido do incômodo de sua saúde.

Eram seus companheiros de viagem, o negociante Francisco José Rodrigues, o famoso pintor Elyseo d'Angelo Visconti e o sr. Eduardo Stumpe, alemão, e responsável pelos fretes, passagens e outras informações a respeito do paquete francês.

Inexplicavelmente, no alentado e assaz poderoso livro de registro de saídas de passageiros da cidade da Bahia, no dia 5 de maio de 1906, do “Commissariado da Policia do Porto” não constava o assentamento dos nomes do Dr. Nina Rodrigues e sua família, omitindo-se, também, o nome do pintor Elyseo d’Angelo Visconti. No dito livro estava consignado o embarque, em Salvador, de apenas 16 passageiros no Atlantique.

O suntuoso vapor Atlantique, “o pacote postal francês”, pertencia à conceituada “Compagnie des Messageries Maritimes” (1900-1921) e o agente que a representava tinha escritório na rua Conselheiro Dantas, n. 1, 2.^a andar, Salvador, Bahia.

O navio francês tinha zarpado de Buenos Aires, com escalas em Montevideú, Santos, Rio de Janeiro e Cidade do Salvador, seguindo, depois da demora necessária, para Pernambuco, Dakar, Lisboa e Bordeaux.

A entrada do Dr. Nina Rodrigues no “paquebot” Atlantique deu-se partindo de uma lancha da ponte da Navegação Bahiana.

No dia em que o vapor levantou âncora do porto da cidade do Salvador, a 5 de maio, a temperatura máxima era de 27,° 0; mínima, 25,° 0 e média, 26,° 25; umidade relativa, 73,6; vento: rumo – SE moderado. O dia estava nublado, com cirros-nimbos e chuviscos à tarde; a noite deveria estar nublada, com nimbos e chuviscos grossos.

O belo e confortável pacote era dotado de hélices duplas e duas chaminés e foi o primeiro navio da companhia a ser equipado de um posto de telégrafo sem fio Marconi, de alcance de 1,5 quilômetros. A viagem inaugural deu-se a 1.º de maio de 1900, partindo de Bordeaux para La Plata. A embarcação apresentava uma silhueta artística e tecnicamente donairoza e longo comprimento de linhas sensualmente feminis.

Cf. o encantador e nostálgico “site” <http://www.frenchlines.com/ship-fr-1032.pt> ou “site” de busca e digite “Paquebot Atlantique”)

Terça-feira, 17 de julho de 1906 – Paris, Nouvel Hotel, 49, rue La Fayette, antiga rue Charles X, que data do segundo Império, entre os bairros Poissonnière e Saint-Denis, que atravessa a região Oeste para a Norte-Leste. – A desoras, em um quarto do dito hotel, estava por dias, derreado em um leito, um homem exânime, hipoêmico, apresentando elasticidade cutânea anormal e turgor deficiente dos tegumentos, exibindo, provavelmente, mucosas visíveis sub-ictéricas ou ictéricas, arquejante, batimentos arteriais acelerados, camarinhas de suor frio por todo o corpo, voz um tanto demudada, olhos encovados, mas que, ainda assim, pareciam transmitir impressionante fulgor do mais vivo intelecto e destreza mental e o tremeluzir da esperança. Poder-se-ia até supor que o seu cérebro, até então, podia cinzelar conceitos e frases preciosas e resplandecia com a cintilação da tocha que se intitulava gênio.

Ali estava, abatido, pré-agônico, um notável homem, tão consagrado às ciências e ao ensino, que teve a vida tão precocemente sacrificada às acrisoladas dedicações pelas ciências da Medicina Legal, as quais o conduziu aos mais qualificados cargos acadêmicos, vivendo abençoado e querido no lar e reverenciado pelas sociedades médicas e pelo povo da sua Pátria.

Eis que principiou, bem precoce, insidioso morbo que minou o seu organismo e começou a prenunciar funéreos sucessos. Naquele leito de um quarto de hotel parisiense estava morrendo o Professor Doutor Raymundo Nina Rodrigues, lente da cadeira de Medicina Legal da Faculdade de Medicina da Bahia, Brasil.

Missivista brasileiro, que preferiu manter-se anônimo, em correspondência desde a capital de França, de 18 de julho, endereçada a uma gazeta da cidade da Bahia, emitiu opinião que merecia ser divulgada: “Elle falleceu ás 5 ½ horas da manhã do dia 17, no Nouvel Hotel, rua Lafayette, n. 49, de molestias dos medicos; porque por uma ironia fatal, as molestias clinicas naqueles que luctam com as difficuldades dos diagnosticos precisos, de que depende uma boa therapeutica, apresentam syntomas tão obscuros, manifestações tão desconexas, que tornam o diagnostico embaraçado dando lugar a juizos e interpretações as mais variadas.

Os factos confirmam isto, e o nosso bom amigo foi uma das victimas dessa fatal molestia.

É assim que foi em Lisboa diagnosticado pelo dr. Bello de Moraes – cancro do figado e pelo dr. Mattos Chaves – coli-cystite calculosa; em Pariz, pelo dr. Claude – dilatação do coração e da aorta; pelo dr. Tessier – tuberculose do pericardio; pelo dr. Chauffard – abcesso aureolar do figado; pelo dr. Huchard – nephro-sclerose; pelo dr. Bensaúde, que o acompanhou até os ultimos dias, tuberculose das serosas (pleura, pericardio, diaphragma, etc).

Por isto, repito: morreu de molestia dos medicos.”

Na noite da chegada em Lisboa, a 17 de Maio, e estando hospedado no Hotel de Inglaterra, teve o Dr. Nina Rodrigues uma “hemoptysis” leve. No dia 19, promoveu-se uma conferência de médicos lisboenses. A hipótese de tuberculose foi afastada, “pelo facto dos pulmões ficarem transparentes sob a acção dos raios X; no entanto, esta transparencia não pode servir de elemento seguro para o diagnostico porque falha na pratica e são conhecidos casos de pessoas tuberculosas, confirmadas pela syntomatologia e pelo exame dos escarros, que apresentam a transparencia dos pulmões.

A 19 de junho, chegou o Dr. Nina Rodrigues a Paris, para saber o parecer de facultativos daquele país.

Tinha reservado passagem de volta para a Bahia pelo vapor, de 27 daquele mês, e sentindo-se melhor, compareceu, no dia 10, ao lúgubre edificio do Morgue*, na sua época funcionando na place Mazas e primitivamente estabelecido na antiga place du Châtelet, construído em 1864, (para alguns, em 1831).

Muito tempo antes da viagem do Dr. Nina Rodrigues a Paris, no ano de 1906, o Morgue, que já não estava, desde há muito, na place du Châtelet, era visto de Notre-Dame, situado à margem esquerda do Sena, na “Cité”, entre o quai aux Fleurs, fazendo esquina com o quai de L’Archeveché, próximo a ponte Saint-Louis e em frente a square de Archeveché, nas imediações da Église Notre-Dame.

O novo Morgue visitado por aquele cientista brasileiro já havia sido transferido da sobredita localidade para o Institut de Médecine Légale, instalado na 2, Place Mazas. no douzième arrondissement. A place Mazas fica situada nas proximidades da margem direita do Sena, e em frente ao Port Mazas e à Pont d’Austerlitz, e é cortada pela avenue Ledru Rollin em direção a Pont d’Austerlitz, sendo limitada à esquerda pela entrada do boulevard de la Bastille e à direita pela entrada do boulevard Diderot, e é ligada ao boulevard Bourdon pela ponte Morland.

Na visitação de estudos àquele estabelecimento tanatológico, o Dr. Nina Rodrigues observou a autopsias e fez avaliações minuciosas na demorada visita, obtendo informações técnicas e registando os precisos apontamentos, porquanto estava decidido a criar na Faculdade de Medicina da Bahia um serviço médico-legal completo e excelente, para ser o primeiro da América.

No dia 13 de julho, lá pelas 3 horas da manhã, foi acometido de uma intensa “hemoptysis”, que o deixou assaz enfraquecido e desanimado. “A amigos que o visitaram, disse então: “Isto é o começo

do fim”. O Dr Bensaúde, medico de grande reputação, português, residente na capital francesa, e onde clinicava, foi quem o assistiu na cabeceira, coadjuvado pelo jovem facultativo da Bahia, Dr. Eduardo de Moraes.

Foram interdidas as visitas para todas as pessoas; assim, mesmo um ou outro medico que se aproximava do leito, quedava-se silente. Preservou sempre a razão e clareza de imaginação, pedindo um sacerdote católico e ao depois disse para a esposa: “Sei que vou morrer; cuide de nossa filha, e vá para a Bahia no dia 27, em companhia do Dr. Eduardo de Moraes e família”. O quarto do hotel observava mudez augusta e expectante.

Manifestou vontade de avistar-se com seu dileto irmão, que deveria chegar no dia 16 de julho, à noite, o primeiro-tenente do exército Dr. Themistocles Nina Rodrigues.

Consoante os atestados médicos, o Dr. Raymundo Nina Rodrigues rendeu a alma ao Criador às 4 ½ horas do dia 17 de julho de 1906, no Nouvel Hotel, em Paris.

As famílias dos srs. Antonio Alves, do Hotel Sul Americano, José Joaquim Fernando Dias, Augusto Ribeiro, que residiam no Nouvel Hotel, e mais D. Clara Moraes e Dr. Joaquim Loureiro acompanharam sempre a esposa do Dr. Nina Rodrigues e filha, em todas as quadras deste funéreo sucesso, até as 10 horas da noite do dia 17, quando a viúva e filha se transferiram para a residência de D. Clara Moraes, na Avenue Marceau, 173, antiga avenue Joséphine, em direção à rotunda de l’Etoile, até o dia 27, quando deveriam embarcar para a Bahia”.

De acordo com minhas pesquisas, não foram encontrados registos que atestassem ter o Dr. Nina Rodrigues suplicado licença médica para tratamento de sua saúde nos anteriores anos de 1904 e 1905, não obstante seus coevos se aperceberem do declínio do seu estado valetudinário.

Segundo o desconhecido correspondente, médico, provavelmente e supostamente da Bahia, dando conta, desde Paris, dos últimos momentos do Dr. Nina Rodrigues, plêiade de facultativos europeus de nomeada suscitaram os mais diversos diagnósticos prováveis do morbo que molestava o cientista brasileiro. E o relato legou para os médicos do futuro uma centelha de histórico e fascinante interesse para conhecer a moléstia que levou o insigne lente ao túmulo. Todas as sobreditas ditas entidades mórbidas, de curso de longa duração, poderiam causar infaustas conseqüências. Todavia, a depender do tipo da doença, o agravamento da sintomatologia dos incômodos da saúde do Dr. Nina Rodrigues causaria acentuada e célere queda do estado geral do enfermo, obrigando-o a afastar-se, pelo período necessário, das suas atividades. Obviamente, a enfermidade tornar-se-ia óbice para permiti-lo representar o Brasil, em Milão, em longa e extenuante viagem transoceânica, além da permanência prolongada de quatro meses na Europa.

Teria o Dr. Nina Rodrigues hepatite crônica, tóxica, com cirrose e icterícia, comum àqueles que manuseiam drogas nos gabinetes de laboratórios das cátedras e que, às vezes, complica com hemorragia digestiva alta? seria lícito levantar hipóteses de doenças degenerativas graves, tais como o colangiosarcoma, neoplasia de papila, do colédoco, da vesícula, além de hepatoma e câncer gástrico, representado pelo mais freqüente, o adenocarcinoma, o qual apresenta menor estatística de hemorragia digestiva alta? Todas as ditas entidades mórbidas manifestar-se-iam com sintomatologia exuberante, gritante, grave e rápida; poder-se-ia pensar em hemorragia digestiva alta por rotura de varizes esofágicas? e o cortejo de sinais e sintomas em casos que tais, mormente a ascite e a hepatoesplenomegalia? e a hematêmese por úlcera gástrica ou duodenal?

Não está lavrada em fontes primárias e secundárias qualquer referência às moléstias sobreditas, que estariam solapando a saúde do Dr. Nina Rodrigues. Como já foi dito acima, aquele lente não se

afastou das suas funções nos dois últimos anos que antecederam a sua morte em Paris, muito embora fosse notório o débil estado de higidez do professor.

Creio que, mesmo sendo especialista em “moléstias do peito”, estômago e coração, o ilustre doente não conseguiu firmar um auto-diagnóstico e sucumbiu pela hemoptise provocada pela tuberculose pulmonar. Acredito que o Dr. Bensaúde foi preciso no diagnóstico.

O embalsamamento, por meio de uma injeção conservadora do cadáver, foi coadjuvado pelo prático dos anfiteatros de anatomia da Faculdade de Medicina de Paris, às 5 ½ horas da tarde do dia 17, estando presentes o comissário de polícia, os Drs. Bensaúde, Eduardo de Moraes, Anísio de Carvalho, Joaquim Loureiro e João Cerqueira.

O procedimento de conservação do corpo foi feito pelo Dr. R. Bensaúde, auxiliado pelo dito e experiente técnico, sendo o líquido empregado uma mistura de cloreto de zinco, glicerina e creosoto.

A conservação do cadáver do Dr. Raymundo Nina Rodrigues foi realizada observando a seguinte técnica, conforme descreveu o desconhecido missivista em comunicado a importante folha editada nesta capital, e que preferiu conservar-se no anonimato, mas que, ao revelar o seu conhecimento técnico sobre os diversos ramos da ciência médica, determinou a sua identidade de médico.

“Descoberta a arteria femural direita no triangulo de Scarpa, foram passados por baixo dois fios, um mais acima, outro mais abaixo. Entre estes foi feita uma abertura no vaso e collocado o bico de uma seringa de grosso calibre, a seringa do professor Farabeuf, sendo amarradas as paredes da arteria ao bico pelo fio superior, afim de não escapulir no acto da injeção.

Depois foram injetados seis litros de uma solução concentrada de chloreto de zinco, um litro de glicerina e 50 grammas de creosoto.

Terminado isto, foi o vaso ligado acima e abaixo da incisão, e praticada a sutura dos tegumentos.

Nas narinas, boca e anus depois de limpos com algodão hidrophilo foi collocado um tampão de algodão molhado na mesma solução, seguida de outros muitos, afim de bem obter aquelles canaes.

Sobre a pelle do corpo, passou-se um algodão ensopado na referida solução.

Foi esse o processo empregado, e é o que se emprega aqui nos anphitheatros de anatomia, de preferencia á solução de formol, por ser mais consistente, dizendo tanto os medicos, como o pratico, que elle conserva indefinidamente o cadaver, salvo os pontos que estiveram em decomposição antes da injeção.

No cadaver do dr. Nina Rodrigues a decomposição deu-se em poucas horas: já desde 2 horas da tarde do dia seguinte ao da morte se manifestara; e devido á rotura dos vasos pulmonares, parte do liquido sahiu pelo nariz, antes deste ser obturado.”

A noite já era quase manhã, quando tiveram início às azáfamas para transportar o cadáver para o Brasil, depois de posto em um duplo caixão de zinco e de madeira, adornado de prata. O corpo do ilustre extinto foi transportado no dia 18, às 7 ½ horas da manhã, em coche mortório, seguido de outros, para a igreja de Nossa Senhora de Lorette e instalado em uma essa em frente ao altar de S. José, onde, às 9 horas, foi celebrado ofício de corpo presente, seguido de encomendação, à qual assistiram a viúva, algumas famílias brasileiras, os Drs. Anísio de Carvalho, Sebastião Cardoso e

João Cerqueira, da Faculdade de Medicina da Bahia, e mais o Dr. Franco da Rocha, de S. Paulo, Dr. Menezes Pinto, do Rio Grande do Sul, Drs. Eduardo de Moraes e Antonio Ramos, da Bahia; Dr. Aloysio de Castro, do Rio de Janeiro; Dr. Antonio Ribeiro de Gonçalves, do Piauí; Dr. Octavio Freitas e Dr. Joaquim Loureiro, de Pernambuco.

Estiveram também presentes os Drs. Guerreiro de Castro e Cardoso e os srs. Antonio Alves e filho, José Joaquim Fernandes Dias, Augusto Ribeiro e muitos outros compatriotas.

Grande número de coroas e grinaldas foram arrumadas cuidadosamente sobre o esquife.

Depois de terminados os rituais litúrgicos de finado, e a parte do ofício dos mortos, com o réquiem (repouso), foi o caixão levado para um tablado de ferro e colocado na entrada da igreja, logo após o acesso lateral à direita de quem entra. Naquele local, o adeus dos amigos e os últimos sinais de despedida da viúva, debulhada em prantos, plenos de paixão, afeto e extremada saudade, a todos comoveram.

Após ser selado pelo comissário de polícia, que se achava presente à solenidade, foi o ataúde abaixado lentamente, por intermédio de um maquinismo, para uma cava, onde deveria permanecer até o dia de ser conduzido para a Bahia, cerrando-se sobre ele as portas de ferro, a rés do chão do templo. Naquele dito local, a família do Dr. Nina Rodrigues continuou, por tempo considerável, rodeada de muitos amigos e compatriotas, que a seguiam nessa quadra dorida. Algumas pessoas, pesarosas, de sobrolhos carregados, falavam com voz apagada e dormitante.

No Nouvel Hotel esteve o cônsul brasileiro, para apresentar condolências à viúva, logo que tomou conhecimento do falecimento do Dr. Nina Rodrigues.

Nota

***JUSTIFICAÇÃO DO USO DO VOCÁBULO “MORGUE” FLEXIONADO COMO GÊNERO MASCULINO.**

O autor fundamentou-se em consulta, desde há muito, in Caldas Aulete. Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa. / Edição Brasileira. / Editora Delta S. A. /Rio de Janeiro, 1958.

Cf. “Morgue, s.m. o mesmo que *necrotério* (forma já muito seguida, e que dispensa este galicismo escusado). || F. pal. francesa.”.

Todavia, os autores brasileiros e portugueses, em sua maioria, costumam grafar a palavra “morgue” como substantivo feminino.

Parte II

Quarta-feira, 18 de julho de 1906 – Cidade da Bahia, Brasil.

O edifício da Faculdade de Medicina da Bahia, ao Terreiro de Jesus, amanheceu coberto de uma tristeza infinita que enchia todos os seus pavilhões e que entrava na alma dos membros do corpo docente, discente e administrativo daquela casa de ensino das ciências médicas, que há um ano foi golpeada pela fúria de catastrófico incêndio. Uma angústia pesada e funérea latejava os corações de todos.

Naquele dia congregou-se a Faculdade de Medicina, tendo sido lavrada no respectivo livro a ata da sessão, cujos termos estavam assim exarados: **“Acta da sessão da Congregação em 18 de Julho de 1906.**

Aos dezoito dias do mez de Julho do anno de mil novecentos e seis reuniu-se as 10 horas o corpo docente da Faculdade de Medicina da Bahia sob a presidencia do snr'. director, o Dr. Alfredo Britto,
...

No meio do mais profundo silencio, o Dr. Alfredo Britto, grandemente emocionado, communicou á Congregação o fallecimento em Paris, hontem, ás 7 horas da manhã, do lente cathedratico de Medicina Legal o Dr. Raymundo Nina Rodrigues.

Pedi, então, a palavra o Dr. Pacifico Pereira, que salientou os serviços prestados pelo illustre morto, lamentando, em palavras commovedoras, a desgraça que todos lastimavam e concluiu propondo que se inserisse na acta um voto do mais profundo pezar e, em seguida, se suspendesse a sessão.

Falou depois o Dr. Climerio de Oliveira, apoiando a proposta do seu antecessor. Os Drs. Anselmo da Fonseca, Braulio Pereira e Manuel de Araujo, apresentaram as seguintes moções, que foram, todas, unanimemente approvadas.

“Proponho que, na acta da sessão de hoje, se exare a expressão de profundo pezar d’esta Congregação pelo prematuro fallecimento do illustre professor de Medicina Legal Dr. Raymundo Nina Rodrigues, o qual, pela elevação dos talentos, pelo decidido amor e dedicação á sciencia pela fecunda actividade de espirito, pelos serviços prestados a este estabelecimento e ao ensino, deve ser considerado na altura dos mais distinctos e notaveis professores que hão tido n’esta Faculdade. S. R. – Bahia e Faculdade de Medicina, 18 de Julho de 1906 – Dr. L. Anselmo da Fonseca.”

“Proponho que:

- 1.º Seja inserido na acta da presente sessão um voto de profundo pezar por tão sensível perda para a sciencia, para a patria e para a humanidade.
- 2.º Seja passado um telegramma de condolencias á familia.
- 3.º Tome a Congregação lucto por 8 dias e nomeie uma commissão para apresentar pezames aos seus representantes, aqui residentes.
- 4.º Seja denominado “Instituto Nina Rodrigues” o novo pavilhão destinado á Medicina Legal.
- 5.º Seja suspensa a presente sessão em demonstração de dor por tão infausto acontecimento. Bahia 18 de Julho de 1916.

O professor Dr. F. Braulio Pereira.”

“Proponho que: seja consignado na acta da sessão de hoje o voto do mais sincero pezar pelo fallecimento do emerito collega Dr. Raymundo Nina Rodrigues; que sejam suspensos os trabalhos da mesma sessão em homenagem á saudosa memoria do fallecido; que a Congregação e bem assim seus auxiliares e o corpo administrativo tomem lucto por 8 dias; que seja nomeada uma commissão de 5 collegas, para apresentar ás ex.mas viuva e filha do pranteado, quando do regresso da Europa, as nossas condolencias por tão infeliz acontecimento.”

A Congregação elegeu os Drs. Braz H. do Amaral, Braulio Pereira, Garcez Froes, Josino Cotias e Guilherme Rebello para comporem a comissão de que tractam as propostas.

Em seguida foi levantada a sessão.

Approvada em sessão de 25 de Julho de 1906. Dr. Alfredo Britto.”

A mocidade académica da Bahia telegrafou ao ministro da Justiça e Negócios Interiores, Felix Gaspar, solicitando recursos para trazer o cadáver do Dr. Nina Rodrigues para o Brasil. Aquela autoridade transcreveu o teor do dito telegrama para o Dr Alfredo Britto.

A Repartição Geral dos Telegraphos” expediu sob n. ° 3880, do Rio de Janeiro, em 24 de julho de 1906, às 7 horas e 7 minutos, telegrama reservado para o Dr. Alfredo Britto, no seguinte teor: “Recebi seguinte telegramma: Impossivel deficiencia recursos prestar homenagens devidas glorioso cientista presado mestre Nina Rodrigues, pedimos respeitosos conceder verba transporte cadaver Brasil, exequias – Mocidade Escola Superior.”

“Estando quasi esgotada verbas eventuais, por onde poderia correr essa despeza, tenho difficuldade em attender esse pedido. – Entretanto, desejando muito satisfazer e auxiliar academicos digno empenho prestar homenagens funebres e transportar cadaver nosso saudoso amigo, peço informeis qual importancia necessaria auxilio solicitado – cordeaes saudações – Felix Gaspar.”
“Acta da sessão da Congregação em 25 de Julho de 1906.

As 10 horas o Corpo docente da Faculdade de Medicina da Bahia sob a presidencia do snr’ director, o Dr. Alfredo Britto ...

O Dr. director deu sciencia á Congregação de diversos telegrammas, cartas e cartões de condolencias pelo fallecimento do Dr. Nina Rodrigues.

Deu tambem sciencia que deve chegar no Aragon o corpo do mallogrado Dr. Nina Rodrigues.

O Dr. Deocleciano appresentou a seguinte proposta, que foi unanimemente approvada: “Proponho que fique a mesma commissão nomeada para dar pezames á ex.ma familia do Dr. Nina Rodrigues encarregada de resolver sobre as homenagens que devem ainda a Congregação, por occasião da recepção do corpo e enterramento.”

No dia 31 de julho, a “Repartição Geral dos Telegraphos” expediu do Rio de Janeiro, sob n.º 4958, às 11 horas e 20 minutos telegrama reservado, omitindo-se o nome do destinatário: “Com immenso pezar deixo de providenciar acerca exequias Dr. Nina Rodrigues por falta credito orçamentario ou autorização em lei despeza dessa natureza e de tal monta conviria fosse autorisada pelo Congresso Nacional; nesse caso seria immediam.te executada conforme tive occasião declarar hontem ao presidente camara deputados ao Dr. Miguel Calmon com os quaes conferencieei nesse sentido. Sauds. affectuosas = Felix Gaspar Ministro Justiça”

A “repartição Geral dos Telegraphos expediu sob n.º 91, às 5 horas e 40 minutos de 1.º de agosto do Rio de Janeiro, mensagem para o Dr. Alfredo Britto – Bahia: “Quando recebi sua ultima carta havia já prestado informações solicitadas pelo Congresso, o que inhibiu pedir augmento credito mesma occasião – Entretanto, tomando em consideração quanto me ponderou, convidei para uma conferencia presidente camara deputados e Dr. Miguel Calmon aos quaes expuz quanto ocorre, incumbindo se este ultimo tomar iniciativa uma providencia na camara attender sua exposição. Saudações – Felix Gaspar Ministro Justiça.”

Aviso de n.º 1330, 2.ª “Secção da Directoria do Interior, do Ministerio da Justiça e Negocios Interiores”, do Rio de Janeiro, 4 de agosto de 1906, estava exarado nos seguintes termos: “Accusando o recebimento do officio n.º 675, de 17 de julho ultimo, no qual communicaes o fallecimento do D.r Raymundo Nina Rodrigues, lente da cadeira de medicina legal dessa Faculdade, cabe-me apresentar á respectiva Congregação os meus sentimentos de profundo pezar pelo infausto acontecimento. Saúde e fraternidade.

Felix Gaspar de Barroso Almeida.”

A “Repartição Geral dos Telegraphos” expediu telegrama sob n.º 895, às 9 horas de 6 de agosto, do Rio de Janeiro para o Dr. Alfredo Britto, “Director Faculdade Medicina Bahia: “Foi votado hoje 2.ª discussão projecto concedendo credito Faculdade Medicina Bahia concedida dispensa, entrará amanhã 3ª, sendo apresentada emenda augmentando credito de accordo sua informação. Saudações. Paula Guimarães, Presidente da Camara.”

“Acta de 20 de Setembro de 1906.

Expedientes: Foi lido o expediente: officio do ex.mo Ministro do Interior apresentando à Congregação pezames pelo fallecimento do Dr. Nina Rodrigues.

Aviso do Ministerio do Interior n.º 1145 de 2 de Julho approvando o plano apresentado para o estabelecimento do serviço de exames tanatológicos n’esta Faculdade.”

Sexta-feira, 10 de agosto de 1906 – Na cidade da Bahia, Brasil, a temperatura máxima era de 24°,5; a mínima, de 23°,0 e a média, 23°,87; ventos moderados, rumo S, SE, E; Chuvas durante toda a manhã, até a 1 hora da tarde; céu carrancudo e nublado, nimbois pães d’água; A noite prometia ser toldada, cintilando poucas estrelas.

Em uma rua ladeirante, a Ladeira de São Bento, estava situada uma casa de residência de dois andares e um sótão, de número 7, a quarta casa nas cercanias do renomado e respeitável Hotel Sul Americano, de propriedade do sr Antonio Alves, o hotel preferido das classes abastadas de viajantes nacionais e estrangeiros e o mais freqüentado pela sociedade mais “raffiné” da Bahia. O dito sobrado mirava para o casario defronte das moradias de paredes meias, ornadas com belos gradis paralelos, fronteiros à entrada das casas, assemelhados às residências, com suas airosas grades, também paralelas, adornadas artisticamente, instaladas em frente aos portais dos característicos e conhecidos prédios da King’s Road, em Chelsea, Londres e em muitas outras ruas típicas londrinas.

O sobredito sobrado ficava nas vizinhanças do vetusto Mosteiro de São Bento, que teve eleito seu primeiro Abade, frei Antonio Ventura, pela Congregação de Portugal em Capitulo Geral de 1584. O referido mosteiro entesta o limite da parte de cima da ladeira, monastério ermo e ascético, de corredores claustrais quedos, arcarias, pilares e paredes altíssimas e conventuais, para a abstração e devaneio do espírito daqueles que andam em busca da paz de Cristo, em ambiente de solidão penumbrosa e côncavo silêncio de gravidade clerical, quebrado, de quando em vez, pelo salmear dos monges altas noites, na Sala Capitular, e pelo sino que, pela manhã, dava vagarosa e lugubrememente o dobre dormente das almas,

A rua da Ladeira de São Bento amanheceu naquele dia de 10 de agosto queda e melancólica. A viação estava quase a parar. Podia-se escutar a salmodia entoada pelos monges beneditinos e a primeira parte do officio divino desde o primeiro alvor da manhã. O pequeno Largo de São Bento estava despovoado. Os sobrados da Ladeira de São Bento, eram elegantes e ostentosos, de eclética arte de edificar. Em sua maioria, notava-se as casas de morada com suas enormes janelas de peito e janelas de sacada cerradas, fabricadas e guarnecidas com ornatos de figuras formadas pelo

cruzamento de dois arcos iguais, que se cortavam na parte superior, em belo estilo arquitetônico gótico de ogiva.

De quando em vez, piedosas senhoras e senhorinhas janelavam, correndo os dedos por grossas contas do santo rosário, abatidas e tristonhas, lágrimas toldando os olhos, notadamente os moradores do nobre e vasto sobrado de três andares e sótão, de frontaria belíssima, adornada com lusitanos azulejos, apresentando, ao rés do pavimento, um alto portal ladeado de quatro janelões de sacada; no segundo andar, igual número de janelões de peito, providos com harmoniosos peitoris avarandados e artisticamente gradeados, e três idênticas aberturas no nível correspondente ao espaçoso sótão, todos em estilo de ogiva gótica. O imponente casarão apalaçado ficava situado bem em frente da saída da rua ladeiranta que passava por detrás dos muros posteriores do provento mosteiro, onde funcionaria, na antiga portaria da igreja abacial, a partir do ano de 1909, a Tipografia Beneditina, que seria fundada e instalada pelo abade D. Majolo.

Os relógios das casas de residência da rua da Ladeira de São Bento resmungavam sornamente as horas: eram 2 horas e 45 minutos da tarde.

No mesmo horário, o sobrado, de número sete à Ladeira de São Bento, distrito de São Pedro encontrava-se vazio, cerrado e amortalhado por funéreo crepe de tristeza e desolação.

Edificado em terreno próprio, medindo de frente seis metros e quarenta e cinco centímetros, dividindo-se por um lado com casa de Manoel Joaquim de Carvalho e, pelo outro com quem direito tiver, contendo no andar superior três janelas com grade de ferro e no térreo duas janelas de peitoris e porta; no pavimento nobre, observava-se duas salas sendo uma de visitas e outra para jantar e dois quartos sótão com três quartos espaçosos; andar térreo com duas salas e dois quartos, cozinha, alcova de banho e outros cômodos, tendo em frente da casa um pequeno jardim cercado de grades de ferro e portão ao lado.

Notava-se, na sala de visitas um sofá, duas cadeiras de braço, doze singelas, duas brancas com enfeites, tudo usado.

O ambiente da sala de visitas era ornado com gracioso par de jarras da Índia, enfeitados. Nas proximidades, um espelho oval de madeira dourada. Em um canto da dita sala, estava um magnífico piano alemão, usado, e do fabricante “Schiedmayer”. Compunham o dito cômodo dois quadros dourados para decoração de sala e no canto, e em local discreto, duas escarradeiras.

Na sala de jantar, eram vistos um sofá e doze cadeiras austríacas, já usadas; duas cadeiras de vime; um aparador com pedras e espelhos; um guarda-louças com pedra e espelhos e duas “étagères”, (prateleiras – N.A.); dois porta cristais; um relógio de parede usado; uma mesa de jantar, de vinhático; um meio aparelho de louças para jantar; quatro estantes em uma das quatro, à jacarandá, próprias para livros. Biblioteca: era composta de mil preciosos e raros volumes de obras de medicina e de literatura.

Naquele sobrado modesto, de feição austera de paz estudiosa, moravam o Dr. Raymundo Nina Rodrigues com sua esposa, D. Maria Couto Nina Rodrigues e a filha Alice.

Desolados ao extremo, clientes e admiradores do extinto fixavam a vista em direção ao prédio do Gabinete Médico-Cirúrgico do Dr. Nina Rodrigues, sito à rua Conselheiro Saraiva, n.º 36, o qual atendia “especialmente molestias do peito, estomago e coração” O Dr. Nina Rodrigues trabalhava no consultório em parceria com o seu colega Dr. Frederico de Castro Rebello Koch, que tinha casa de morada na Graça e atendia “especialmente cirurgia e molestias de creanças.” As consultas eram diárias e o atendimento das 2 às 4 horas da tarde e aceitavam chamados a qualquer hora.

O Dr. Frederico de Castro Rebello Koch (1880-1919), baiano, graduou-se em Medicina, em 1900, pela Faculdade de Medicina da Bahia. Pela mesma Faculdade, formou-se, anteriormente, em Farmácia. Foi interno e assistente de Clínica Pediátrica; Professor extraordinário e Professor substituto de Terapêutica; Professor catedrático de Farmacologia. Tese inaugural: Abscesso do fígado e seu tratamento cirúrgico. Bahia, 1900.

Parte III

Sexta-feira, 10 de agosto de 1906 – Estava navegando em mar picado, demandando à barra da Baía de Todos os Santos, o magnífico “liner” Aragon, da afamada Royal Mail Steam Packet Company, a companhia marítima Mala Real Inglesa, representada nesta capital pela sociedade comercial F. Stevenson & C.

O Aragon levantou ancora de Southampton, com escalas em Cherbourg, Vigo, Lisboa, Ilha da Madeira, Pernambuco e cidade da Bahia, e depois da demora precisa, seguirá para o Rio de Janeiro, Santos, Montevidéu e Buenos Aires.

O “steamer” tinha 9.588 toneladas e foi construído em 1905 por Harland e Wolff, em Belfast e lançada em 23 de fevereiro de 1905 pela condessa Fitzwilliam. O paquete tinha capacidade para transportar 306 passageiros na 1.^a classe; 66 na segunda classe e 632 na terceira classe. O Aragon foi o primeiro “liner” da companhia a ser equipado com hélices gêmeas. Fez sua viagem inaugural a 14 de julho de 1905, de Southampton para os portos brasileiros. Foi torpedeado e afundado por submarino inimigo, a 30 de dezembro de 1917, nas costas de Alexandria, Egito, na primeira guerra mundial, com 2.700 pessoas a bordo, com perda de 610 vidas. O “destroyer” HMS Attack, que foi em seu socorro, também foi afundado pelo mesmo submarino, durante a operação de salvamento.

Cf. o belíssimo “site” <http://www.merchantnavyofficers.com.rm2.html>, que transporta o internauta para a fascinante e nostálgica época dos suntuosos “liners” britânicos.

A maior parte dos viajores mantinha-se precavidos do pirajá e da ventaneira, que persistiram até o início da tarde, sob a tolda do “spardeck” do vapor, porquanto nimbos plúmbeos e prechos d’água, cinzentos e densos, estendiam-se pelo céu carrancudo. A natureza não estava em galas. Não se escutava a plácida respiração do vento e as brisas já não mais ciciavam nas alturas. O “liner” balouçava com o mar áspero. Os “touristes” erravam pelo tombadilho do paquete, ou se apoiavam na amurada, estesiando as narinas com o hálito iodado da maresia, ou se recostavam sornamente em “chaises-longues”, “pliants” e “fauteuils enfileirados no “spardeck”. Alongavam a vista para a esbelta e bela cidade de dois pavimentos, qual bíblico presepe. Alguns binoculizavam vagamente o majestoso e incomum cenário da costa ridente que se espraiava ainda distante.

Mirando o cenário distante da cidade da Bahia, quedavam-se, absortos e extasiados, os passageiros que deveriam desembarcar na capital do estado da Bahia: Ms. Rose Hapan, Mr. Thomaz Emmerson e Mr. George Johnstone, ingleses, procedentes de Southampton; capitão Argolo Ferrão e sr. Jaime Ferrão, brasileiros, chegados de Cherbourg; sr. Balsimino Antelo, sr. Domingo Jose Alvar; D. Concepcion Barral, D. Elisa Barral, D. Maria Alfaro Vilar, D. Maria Domingues, sr. Victor Barral, sr. Jose Manuela (sic) Perez, espanhóis, vindos de Vigo; sr. José Gomes Costa Santos, brasileiro, procedente de Pernambuco e Mr. C. M. Savony e Mr. C. R. Savony, ingleses, chegados de Pernambuco.

Súbito cessou no espírito e coração dos passageiros o sentimento de enlevo e admiração pela paisagem paradisíaca da cidade da Bahia, avistada do mar, que resplandecia airoso, à medida que a chuva e o mau tempo tornavam-se amenos; os viajores perceberam a ausência dos companheiros de viagem, brasileiros, que se achavam recolhidos nas câmaras do paquete,

lacrimosos e tristonhos, e amortalhados pelo crepe do luto, de profundo sentimento de tristeza e de saudade. A sensação de encanto e deleite dos extasiados “touristes” foi toldada pela consternação e sentida solidariedade, que os cobria de tristeza morta. E alguns, quedando-se cismáticos, oravam pela paz, resignação e paciência com os sofrimentos dos companheiros retirados nos camarotes: D. Maria Couto Nina Rodrigues, sua filha Alice e o cunhado, primeiro-tenente do exército Dr. Themistocles Nina Rodrigues.

O esvelto capitão britânico do Aragon, de belas cãs de aspecto argenteado, ruminando o seu cachimbo, ordenou ao timoneiro do paquete e ao piloto. A sereia de bordo berra longa e melancolicamente; a casa de máquinas diminui o ofego dos êmbolos; as gigantescas hélices gêmeas reduzem o giro, ornando o mar cachoando em longa esteira de alvas e rendilhadas espumas e o “liner” amarrou à terra da cidade da Bahia no ancoradouro dos vapores mercantes, lá pelas 3 ½ horas da tarde.

O Aragon foi o único paquete transportando passageiros a aportar na capital do estado da Bahia no dia 10 de agosto. Nenhuma verga e chaminés de vapores nacionais ou de outros países, conduzindo viajadores, eram avistadas na vastíssima Baía de todos os Santos. Apenas navios cargueiros balouçavam, em tempo borrascoso, na baía bela. Sumacas de dois mastros, velhas alvarengas e algumas galeotas e lanchas para navegação costeira, percorriam o mar picado, em movimento circular, contornando o gigantesco Aragon, que se movia mui brandamente sob chumbadas nuvens.

Imediatamente, a bordo do escaler Nuno de Andrade e em lanchas partiram para o dito local a comissão central das escolas superiores, professores das ditas e muitas outras pessoas, com o escopo de receberem o volume que continha o caixão que guardava os “sinais da vida” do Dr. Nina Rodrigues. Este volume se achava no porão da proa do vapor.

Logo depois da visita da Inspetoria da Saúde do Porto, as comissões entraram no Aragon, dirigindo-se imediatamente ao encontro da família Nina Rodrigues para manifestar o imenso pesar da mocidade acadêmica da Bahia.

Encaminharam-se todos logo ao camarote em que vinha a desolada viúva, recebendo, à entrada, as condolências o irmão do pranteado cientista, o primeiro-tenente Dr. Themistocles Nina Rodrigues.

O estado da saúde da viúva não lhe permitiu receber as manifestações de pêsames dos que a foram cumprimentar, tratando-se logo de retirar o caixão, para o que já se achavam a bordo os representantes do fisco, tendo, sem tardança, o despachante sr. Raul de Oliveira solicitado o despacho.preciso.

Ao depois, às comissões foram entregues dois volumes, contendo: um o esquife e o outro capelas mortuárias, pelo despachante sr. Raul de Oliveira e pelo Dr. Antonio Christovam de Freitas, representante do fisco. O caixão em que vinha o ataúde, bem como o volume em que guardavam as diversas grinaldas e coroas estavam assim assinalados: o primeiro, com o esquife, com a marca N. R. 1, e o segundo, contendo as coroas, N. R. 2 – Bahia. Já estavam sendo retirados do porão de proa.

Levada a efeito a lingada dos sobreditos volumes por meio de roldanas, foram eles colocados na pequena galé armada para essa finalidade e transportados para o Arsenal de Marinha, rebocada pelo vapor Itaparica. Ao chegar à repartição da Marinha, retirou-se do envoltório o caixão fúnebre, que foi transportado por professores e alunos das escolas superiores, para o coche de 1.^a classe, estacionado em frente ao portão principal do Arsenal.

Ao ser retirado o esquife para bordo da galeota da alfândega, às 3 e 55, o ajudante interino do guarda-mor entregou ao Dr. Guilherme Rebello os documentos, que havia recebido do comandante do Aragon: atestados de óbito, dando o falecimento a 17 de julho, às 4 ½ horas da manhã, na rua Laffayette, n.º 49; do prefeito da polícia; do embalsamamento; do comissário de polícia, afirmando a colocação de cadáver no esquife; da prefeitura do departamento do Sena e do consulado dos Estados Unidos do Brasil.

O caixão foi aberto por carpinteiros da alfândega e pelo eletricista da Faculdade de Medicina da Bahia, em presença dos empregados da alfândega srs. Amancio Costa e Pedro Espinheira, que verificaram o selo consular.

O cadáver do Dr. Nina Rodrigues chegou encerrado em um caixão de zinco e este em outro de carvalho envernizado de amarelo, com braçadeiras de ferro niquelado, tendo três alças de cada lado e uma á cabeceira e outra nos pés.

Às 4 horas e 5 minutos retirou-se a família do Dr. Nina Rodrigues, na lancha Nuno de Andrade, acompanhada até a alfândega pelos Drs. Alfredo Britto, Frederico Koch, conselheiro Carneiro da Rocha, Braz do Amaral, Guilherme Rebello e Raymundo de Andrade, médico da saúde do porto

Da alfândega seguiram as desoladas viúva e filha do ilustre morto, a carro, acompanhadas pelo Dr. Alfredo Britto para a casa de sua residência, à Ladeira de S. Bento.

Organizado numeroso cortejo fúnebre, constituído de alunos das Escolas de Medicina, Engenharia e Direito, com os respectivos estandartes envoltos em triste crepe, desfilou o coche pelas ruas do Arsenal de Marinha, Alfândega, Princesa, Santa Bárbara, Barão Homem de Mello, Praça Castro Alves e Ladeira de S. Bento.

Parte IV

Chegando ao Largo de S. Bento, cerca de 6 horas da tarde, lentes e alunos da Faculdade de Medicina retiraram o esquife do coche e o conduziram para a igreja abacial de S. Bento, de conspícua arquitetura e severa beleza beatífica. Do alto das portas principais pendiam cortinas de casimira preta, presas por sanefas de veludo negro, franjado de prata. Escudos com dizeres apropriados completavam os ornatos das portas.

Das tribunas desciam reposteiros e sanefas iguais as sobreditas. Os púlpitos forrados de casimira e veludo preto ostentavam escudos com inscrições. A galeria destinada ao coro também se achava cerrada de severo luto.

No centro da igreja, desde a entrada até o altar-mor, erguia-se uma modesta essa de 8 metros de altura, estilo renascença, coifada pela magnificente cúpula da igreja abacial O catafalco era trabalho do Mosteiro de São Sebastião da Bahia, o Mosteiro de S. Bento, dividida em 3 partes, terminando por uma abóbada sustentada por quatro colunatas quadrangulares, sobre a qual se destacava uma bela cruz, contornado a essa que era, internamente, iluminada à luz elétrica, 2 turíbulos de prata, tocheiros e vasos com flores e crótons.

Belos escudos, com inscrições, postos em ordem com simetria pelas paredes, completavam a decoração da igreja.

No amplo portal da grandiosa igreja abacial, no alto da escadaria, foi recebido o cadáver do Dr. Nina Rodrigues por dois monges beneditinos, D. Ambrosio, que pronunciou as primeiras orações fúnebres, acolitado pelo sacristão-mor, D. Agostinho e por mais três monges auxiliares, sendo em

seguida conduzido para o interior do templo e colocado na essa, junto da qual ficou velando a 1.^a turma de acadêmicos.

No cenotáfio destacavam-se os seguintes dizeres: “Aos teus esforços e ás suas conquistas”. – A tua Pátria de lucto chora !”

Sobre uma urna de madeira, colocada no interior do segundo corpo da essa, estavam nas laterais os seguintes dizeres: “Requiescat in pace” – “Ad lux perpetua lux Dei.”

A comissão organizadora das solenes exéquias, na quinta-feira, 9 de agosto, decidiu que o corpo do consagrado professor será velado no Mosteiro de S. Bento por comissões de acadêmicos que se substituirão de hora em hora, desde a chegada do cortejo fúnebre até ao dia seguinte, após três missas solenes, que serão celebradas às 9 horas da manhã, às quais assistirão a mocidade acadêmica e as congregações das três escolas superiores. Para assistirem a essas missas a mocidade convidou todas as classes sociais.

Após as exéquias celebradas na igreja abacial de S Bento transportar-se-á o corpo, em coche mortuário de 1.^a classe, para o cemitério do Campo Santo, onde será inumado.

Na dita necrópole, nessa ocasião, recitará um discurso encomiástico, em nome do corpo discente das Academias, o bacharelado de Direito Aydano Sampaio.

Estavam assim constituídas as turmas de acadêmicos que iriam velar o corpo do Dr. Nina Rodrigues:

1.^a Turma

Januario Cicco, José Cezario da Rocha, Augusto Barros Lins e Silva, João da Costa Maia, Pedro da Silva C. de Oliveira, Pedro Americo de Britto, Manoel da Silva Prado Filho, Roque Degrazia, Crescencio Antonio da Silveira, Pedro Seixas Macedo Aguiar e Arthur Magalhaes.

2.^a Turma

Luiz de França Loureiro, Horacio Martins, Ernesto Emilio da Fonseca, Raul Mendes Brandão, Luiz de Lima Galvão, Antonio Firmo da Costa Filho, Joaquim Vieira Braga, João de M. Vieira da Cunha, Luiz de Lima Bittencourt, Raul Pedreira, Armando Barbuda e Francisco Sodré.

3.^a Turma

Manoel Portugal Ramalho, José Accioly Peixoto, Zeferino Alves do Amaral, Enjolras Vampré, Cicero de Paula M. Mattos, Carlos Coelho da Rocha, Arthur Osorio de A, Pinto, Oswaldo Xavier C. de Albuquerque, Julio Antonio de M. Silva, Otto Brandão, Raul Boccanera e Arsenio Moreira Filho.

4.^a Turma

Eduardo Mendes Velloso, Januario Cyrillo da C. Netto, Antonio Ignacio de Menezes, Cicero Borges de Moraes, José Dias de Moraes, Julio Mario de C. Pinto, Gilberto Fraga Rocha, Hisbello de Andrade Lima, Alexandre dos Santos S. Junior, Manoel Tavares, Erico Guimarães, Camillo Monteiro e Manoel de Azevedo Gordilho.

5.^a Turma

Arthur de Assis Curvello, Belmiro de Lima Valverde, Luiz Costa, Crasso Ferreira Barbosa, Fernando José de S. Paulo, Angelo Lima Godinho Santos, Antonio Porto de Oliveira. Macedo Guimarães, Salustiano Prata e José Guimarães e Souza.

6.^a Turma

Francisco Joaquim da R. Filho, Eduardo Alves Dias, Aurelio Domingues de Souza, Flavio Ribeiro Coutinho, Manoel Velloso Borges, Osorio de Medeiros Paes, Durval Queiroz de Miranda, João Adolpho G, de Amaral, Izidro Teixeira de Vasconcellos, José de Almeida, Manuel Vaz e Luiz de Sá Adami.

7.^a Turma

Fernando Costa, Leovigildo Gonçalves de Carvalho, Pedro Ferreira Lins, Joaquim Gomes C. de Oliveira, Cezar Ribeiro Soares, Miguel Carneiro R. Nogueira, Octavio Prisco de Almeida, Maneoel Pires Missel, Bento José Labre, José Claudino, João Ribeiro e Amelio Moraes.

8.^a Turma

Eduardo Alves Dias, Rodopiano Neves da Silva, Egas Carlos Duarte, Arthur de Mello Machado, Fernando Salazar, Antonio Mendes da Silva, Alarico Nunes Pacheco, Francisco Victorino da Assumpção, Antonio Ignacio Bom de Carvalho, Antero Santos, Landulpho Meirelles e Lourenço da Rocha Thary.

9.^a Turma

João Ribeiro Vargens, Alfredo de Assis Gonçalves, Julio Clementino Palma, Francisco de Castro da S. Fradi, José Tito Cordeiro Wanderley, Genesio Euvaldo de M. Rêgo, Odilon da Cunha Gaspar, Myron de Moura Pedreira, José Menescal do Monte, Eduardo Lopes, Oscar Cunha e Luiz Lima Pereira.

10.^a Turma

Mario Saraiva, Eduardo Leite Leal Pereira, Aristides Novis, Fabio Cleto David, Durvaltercio B. de Aguiar, Manoel Celso Tourinho, Boaventura de Almeida Dias, Otto Rodrigues Pimenta, Manfredo Mutti, Descarte Drumond, Faria Motta e Tertuliano Fonseca Lessa.

11.^a Turma

José Cesario da Rocha, Antonio Barbosa Gomes, Pedro Henrique P. Reis, Dionysio da Silva L. Pereira, Edgard de Sá Cardoso, Durval Pres de Oliveira, Oswaldo Duarte Ferreira, Paulo Elisio Pinto Ramos, Carlos Gomes de Souza, Oscar Tantú Clovis Spinola e Milton de Oliveira.

12.^a Turma

Armando A. Vaz e Silva, Antonio A. Queiroz de Andrade. Manoel Gonsalves T. Filho, João Ferreira da S. Machado, Aureliano Amazonas Ribeiro, João Manoel Dias, Antonio Luiz de Arêa Leão, Antonio Velloso Dantas, Americo de Oliveira Sampaio, Assis Barros, Demetrio Tourinho e Silveira e Souza.

13.^a Turma

Ezequiel Antonio de Oliveira, Antonio Fernandes de C. Braga, Ubaldo da Costa Drumond, Jefferson Firmino Ribeiro, João Eulalio da Fonseca, Carlos Theodoro Sampaio, Francisco Fernandes Dantas, Archimedes Accioly de G. Lins, Valdemiro Augusto D. Lefundes, Godofredo Burgos, Marques dos Reis e Bertino Barbosa de Lima.

14. Turma

João Américo dos S. Gouveia, José Ribeiro Frota, Joaquim Gentil F. da Rocha, José Olympio da Silva, Epaminondas de O. Martins, Francisco Octaviano F. Lopes, Antonio Alberto, João Tavares de M. Cavalcante, Antonio Sobral Netto, Campos França, Faria Netto e Antonio Maria de Araujo.

15.^a Turma

Francisco Rodrigues do Lago, Berillo Vieira Leite, Terentillo de Britto, Aurelio Valdemiro Pinheiro, Hildebrando de Freitas Jatobá, Pedro de Castro Valente, João Braulino de Carvalho, Julio Alves de Carvalho, Eutychio Leal, Affonso Camellier e Guilherme Andrade.

16.^a Turma

João Alves da S. Paranhos, Luiz Soares de Oliveira, Agrippino Barbosa, Julio Clementino Palma, José Mendes Muniz da Gama, Hebreliano M. de Wanderley, Luiz de Oliveira Almeida, Luiz Antonio de Aguiar, Aristides Pereira Maltez, Americo da Silva e Coelho Borges.

A comissão das Academias pediu a todos os seus colegas consignados nas turmas que não faltassem ao desempenho da sua missão, e enfatizou que cada turma comparecesse à igreja abacial uma hora antes da que tiver de fazer guarda. Cada turma fará a vigília fúnebre durante 1 hora.

Parte V

Na **quinta-feira, 9 de agosto**, o deputado estadual, Dr. Souza Britto recebeu do eminente governador do Maranhão, Dr. Benedicto Leite, o seguinte telegrama: “Dr. Souza Britto – Bahia – Comissão encarregada homenagem Nina Rodrigues aí, pediu governo deste Estado, auxiliasse despesas essas homenagens. Respondi estar pronto aceder pedido; perguntei que quantia será precisa, comissão telegrafou-me novamente, dizendo, aceitaria qualquer auxílio que eu enviasse, Como sabeis, indispensável governo ter uma base qualquer despesa tenha determinar. Portanto, peço-vos entendais essa comissão, sentido ela dizer-me quantia auxilio precisa deste governo.

Além disso os telegramas que tenho recebido são assinados apenas “Comissão”. É indispensável ela telegrafar-me com os nomes de seus membros, afim de ter pessoa ou pessoas determinadas, a quem mandar entregar quantia remetida, como auxílio. Peço-vos entendais com ela também a esse respeito.

Saudações – Benedicto Leite, governador.”

Em derredor do sobredito assunto, a incansável e abnegada “comissão” acadêmica incumbida das exéquias do Dr. Nina Rodrigues, enviou, dias mais tarde, em 12 de agosto, ao governador do Maranhão, Dr. Benedicto Leite, o seguinte telegrama: “Governador Maranhão – Terminadas as homenagens em memoria do dr. Nina Rodrigues, dispensamos auxilios promettidos – Comissão.”

Dentre as numerosas personalidades eminentes que acompanharam o féretro estavam os Drs. Alfredo Britto, diretor da Faculdade de Medicina da Bahia, Dr. Themistocles Nina Rodrigues, primeiro-tenente do exército, concunhado e irmão do ilustre extinto; sr. Antonio de Almeida Couto, irmão da exma. viúva do Dr. Nina Rodrigues; Drs. Braz do Amaral, Guilherme Rebello, Pacifico Pereira, Pedro de Luz Carrascosa, Josino Cotias, Bonifacio da Costa, da Escola de Medicina; Drs. Alexandre Maia Bittencourt, Thyrso Simões de Paiva e Archimedes de Siqueira Gonçalves, pela Escola Politécnica; Dr. Carlos Devoto, diretor do Ginásio Estadual; capitão Ernesto Cyrillo de Castro e segundos tenentes Victalino Thomaz Alves, Corbiniano Cardoso e Pedro Reginaldo Teixeira.

A diretoria do Ginásio do Estado, em protesto de veneração à memória do provector cientista, resolveu suspender as aulas daquele estabelecimento, convidando o corpo docente e os alunos a comparecer às exéquias, e mandou hastear a bandeira Nacional a meio mastro, no respectivo edificio.

A Faculdade de Medicina da Bahia deixou de funcionar naquele dia, 10 de agosto, e não estará em atividade no dia 11, em legítimo e preciso preito de fidelidade, de gratidão, respeito, admiração e amor à memória do seu querido professor.

Na Faculdade de Direito, assim que chegou a comunicação que o corpo do inditoso professor desembarcara no Arsenal de Marinha, foi posta em funeral a bandeira simbólica da faculdade, - continuando assim no dia 11 até que tenham baixado á terra os despojos do catedrático. Estarão suspensos no dia 11, por este motivo, todos os trabalhos da faculdade. Igual procedimento tiveram os lentes da Escola Politécnica.

Capelas mortuárias

Dentre muitas capelas que serão colocadas sobre o túmulo do eminente cientista, foram observadas: uma coroa ricamente lavorada por D. Amalia Gama, armada com o máximo cuidado, confeccionada de finíssimas flores de pano, sendo um lado de rosas e crisântemos e do outro de lindos ramalhetes de violetas, lilases e glicínias tudo de permeio com de laços de fita de seda lilás. De um lado da coroa, pende larga fita lilás com a seguinte inscrição, artisticamente pintada “Homenagem dos corpos docente e discente da Faculdade de Medicina”;

uma outra belíssima coroa de contas e vidrilhos tendo numa fita, os seguintes dizeres: “Homenagem do corpo administrativo da Faculdade de Medicina da Bahia”;

“Ao ilustre cientista e eminente professor dr. Nina Rodrigues – O Estado da Bahia”. Uma grande e bonita coroa de lilases e rosas amareladas;

“Dr. Alfredo Britto e seus filhos”. Vistosa coroa de amores perfeitos, lírios e rosas, confeccionada de “biscuit celluloide”;

“Último adeus da sua irmã e cunhada”. Um coração de contas cor de lírio, encimado por uma cruz e ornada de amores perfeitos, tendo no centro um riquíssimo quadro – estilo império – de bronze dourado, emoldurando o retrato do falecido;

“Saudade eterna de sua mãe e irmãs”. Uma cruz de 1 metro e 20 centímetros, de contas cor de lilás, ornamentada de amores perfeitos e lilases brancos;

“Homenagem do Jornal de Noticias”. Uma cruz de alumínio e “biscuit”, ornada de amores perfeitos e rosas.

No sábado, 11 de agosto, às 8 ½ dada manhã, serão celebradas as exéquias solenes pelos monges beneditinos, realizando-se, em seguida, o saimento fúnebre .

O Dr. Nina Rodrigues será inumado no cemitério do Campo Santo, falando por esta ocasião, em nome da mocidade estudantil, o acadêmico de Direito Aydano Sampaio e pela Faculdade de Medicina da Bahia o Dr. Guilherme Pereira Rebello, (1857-1928), muito insigne médico, natural de Sergipe, lente de Anatomia e Fisiologias Patológicas, graduado em Medicina, em 1878, pala Faculdade de Medicina da Bahia.

“Convite

A Comissão Central das exéquias do pranteado e sábio professor **Dr. Nina Rodrigues** convida os exmos. srs. Dr. governador, Dr. secretário de Estado, Dr. chefe de Polícia, general comandante dos corpos da guarnição federal, do Regimento Policial, funcionários da União, do Estado, do

Município, o exmo. sr. provedor da Santa Casa de Misericórdia da Bahia, os corpos docentes, discentes e administrativos das Faculdades Superiores, do Ginásio, do Instituto Normal e dos colégios particulares, a distinta classe comercial, a digna imprensa da cidade e mais amigos e admiradores do grande morto, para assistirem as missas que serão celebradas, hoje, (18) às 8 ½ horas da manhã no Mosteiro de S. Bento e acompanharem o enterro, logo em seguida aos atos religiosos.”

Durante a noite do dia 10 de agosto, foi grande a concorrência de famílias e cavalheiros que foram à igreja abacial de S. Bento, em visita aos despojos do Dr. Nina Rodrigues. Algumas velas de estearina extinguíam-se e logo eram acesas. O silêncio alto da noite era quebrado pelos resposos que se rezavam ou se cantavam alternadamente, alguns engrolados em voz untuosamente evangélica por fiéis, sobretudo por idosas beatas, que entoavam molesta e soturna ladainha. De quando em vez, os monges beneditinos salmodiavam tristemente.

No dia 11, ao dealbar do nascer do sol, as ruas vizinhas iam se povoando e logo u’ a multidão formiculante, em romaria, de roupa endomingada, estava queda no Largo de S. Bento, em frente ao monastério. Dava o seu último quarto de hora a 15.^a turma.

Em frente a essa, destacavam-se os estandartes das três escolas superiores. O da Faculdade de Medicina, riquíssimo e todo envolto em crepe ocupava o centro; à direita ficava o da Politécnica e, à esquerda, o da de Direito. Ambos eram encimados por laços de crepe, cujas extremidades pendiam sobre o corpo dos estandartes.

Cinco minutos antes de 9 horas, a música do correto 1.º corpo de Regimento Policial, em grande uniforme, executou a primeira marcha fúnebre.

Por essa ocasião, já a vasta área interna do templo estava atopetada de gente, notando-se ali representadas: as congregações das três academias, as principais autoridades civis e militares, tribunais, associações, mocidade acadêmica, exmas famílias, imprensa etc. Dentre o grande número de pessoas que enchiam o templo estavam as seguintes: Dr. José Marcellino de Souza, governador do Estado; Dr. José Maria Tourinho, chefe da Segurança Pública; Dr. Antonio Victorio de Araujo Falcão, intendente municipal e lente de Farmácia da Faculdade de Medicina da Bahia; Dr. Manoel Freire de Carvalho, secretário da Intendência; Dr. Alfredo Britto, diretor da Faculdade de Medicina da Bahia; Dr. Pedro Vicente Vianna, presidente do Tribunal de Apelação e Revista; Dr. Antonio G. Fróes, Dr. Reis Meirelles, senador estadual, Dr. Francisco Lopes da Silva Lima, diretor da sessão de engenharia do município, Dr. Alexandre Maia Bittencourt, Dr. Alfredo Devoto, coronel Bellarmino de Andrade, engenheiro Augusto Maia, Dr. Manoel Carlos Devoto, Dr. Climerio de Oliveira, Dr. Braz H. do Amaral, Dr. Bernardino Madureira de Pinho; Lopes Rodrigues, pela Escola Comercial; diversas comissões, representando os corpos de alunos do Ginásio da Bahia e do Ginásio Carneiro, diretores do Grêmio Lítero Jurídico, major Joaquim da Costa Freitas, representando A Equitativa, uma comissão do Grêmio Beneficente do Professorado Baiano etc, etc.

Lá pelas 9 ½ horas da manhã começaram as missas, que foram celebradas no altar- mor e os altares laterais de Nossa Senhora de Lourdes e São Bento. No altar-mor celebrou d. Majolo João Pedro de Caigny, abade dos beneditinos, acolitado pelos religiosos D.Lourenço Seixas e D. Bernardo Poetsch. Ouvia-se ciciar de orações nos genuflexórios com eclesiásticos de breviários. Assoavam-se com grandes soluços. O incenso turificado fumaçava e impregnava o ambiente

Quatro noviços beneditinos entoaram o cantochão. A melopéia arrastada da divina oração em canto gregoriano reconfortava os circunstantes orantes. No altar de N. S. de Lourdes foi celebrante o cônego Gustavo das Neves, deputado estadual e no de S. Bento um religioso franciscano, frei

Lucas. Nesses altares as missas terminaram às 9 horas e 50 minutos, terminando a do altar-mor às 9 horas e 55 minutos, fazendo-se ouvir, mais uma vez, o cantochão.

Levado a cabo os sobreditos atos litúrgicos católicos, uma turma de 6 acadêmicos foi buscar o esquife no alto do catafalco. Às 10 horas e 15 minutos, o caixão foi depositado no riquíssimo coche mortório, que era tirado por 3 belas parelhas de cavalos castanhos escuros, emantandos de crepe, e organizou-se um segundo préstito fúnebre que obedeceu a ordem seguinte:

À frente, o coche que conduzia o caixão mortuário;

o estandarte da Faculdade de Medicina da Bahia;

o andor com a capela da dita Faculdade, de flores artificiais; numa larga faixa de seda cor de lírio, lia-se: Homenagem dos corpos docente e discente da Faculdade de Medicina da Bahia;

a capela da família do extinto;

o estandarte da Faculdade de Direito;

a capela da sobredita Escola, a qual foi trabalhada de flores naturais, esperas brancas e roxas, cravos, rosas, jasmim e crisântemos, entrelaçada por extensa e larga faixa de seda branca com os dizeres: “Ao sábio mestre dr. Nina Rodrigues homenagem do corpo discente da Faculdade de Direito.”;

capelas da família do Dr. Bomfim e muitas outras;

o estandarte da Escola Politécnica, o andor com a capela da mesma que, como uma lembrança do acendrado amor do trabalho e da atividade do ilustre cientista morto, o grêmio daquela Escola, em feliz momento de inspiração, mandou confeccionar na forma de uma locomotiva, trabalho artesanal que foi elaborado pelo sr. Joaquim da Silva Senna, distinto funcionário público, com suspiros roxos e brancos. Nas partes laterais da casa do maquinista, viam-se as duas datas 1862 e 1906, a do nascimento e a da morte do preclaro cientista. Essa locomotiva deslizava sobre um plano coberto de flores brancas. Nas largas faixas de seda roxa, franjadas a ouro, lia-se “Homenagem da Escola Politécnica;

diversas outras capelas;

bandas de música dos 1.º e 2.º corpos de Polícia, e do 5.º batalhão de artilharia.

Durante o trajeto, grande massa popular se aglomerava apertadamente nas ruas por onde passava o cortejo, estendendo-se até a necrópole. Liderando o carro fúnebre iam os Drs. Braz do Amaral e Aurélio Vianna.

Cerca de 11 horas dava entrada do préstito no cemitério do Campo Santo. O féretro foi, então, retirado do coche mortuário pelos conselheiro Carneiro da Rocha, Drs. Braz do Amaral, Augusto Vianna e Alfredo Muyallert, os acadêmicos Pedro Americano, Oscar e Luiz Loureiro, Augusto Dias e o primeiro-tenente Dr. Themistocles Nina Rodrigues, irmão do pranteado morto.

Na capela da necrópole, o reverendo capelão, hissopando o corpo com água benta, procedeu à encomendação do cadáver, segurando nas alças do esquife até a beira da sepultura, os Drs. Alfredo Britto e Braz do Amaral, Ernesto Simões da Silva Freitas, acadêmicos Luiz e Oscar Loureiro, Evandro Pinho, Floro Ferreira e Oscar Cunha. Foi então colocado o caixão num estrado revestido

de preto e franjas prateadas, e subiu à tribuna que fora erguida a 5 passos de distância do dito estrado, o acadêmico de Direito Aydano Sampaio, que pronunciou um comovente discurso laudatório.

Parte VI

Em seguida, o Dr. Guilherme Pereira Rebello, preclaro sergipano, catedrático da Faculdade de Medicina da Bahia, recitou emocionante panegírico, que toldou de lagrimas sentidas os olhos daqueles que permaneciam silenciosos e juntos ao ataúde do pranteado Dr. Nina Rodrigues.

A oração, tão bela e erudita quanto alentada, impregnou de subida espiritualidade o coração das pessoas presentes, quando, no discurso pleno de encômio e de saudade, o celebre orador disse: “Debalde se agitariam aqui, perante um tumulto aberto, os problemas eternos do Ser ou não ser; em vão se buscaria a solução dessa duvida, que tem attribulado os philosophos e verte a amargura no espirito angustiado do merencorio principe da Dinamarca. Em vão. Debatem-se as hypotheses, contendem os systemas, collidem as escolas, aguça-se a mente do homem, mergulha o pensador, audaz e resolutivo, nos intrincados meandros desse oceano profundo e insondável que é o mundo da intelligencia, e o problema se mantém, austero e mysterioso, esphinge temerosa em frente ao pensamento. A verdade, porém, desde logo surge em sua face insophismavel, como sae fora a philosophia da dor o estagio necessario de toda philosophia: – eil-o aqui, Senhores, inerte e gelido, na rigidez marmorea da morte, parado o grande coração, que tanto amou, cerrados os olhos, rasgados e bons, onde se espelhavam a intelligencia e a doçura, e apagado o cerebro forte, o laboratorio potente, cheio sempre da preocupação da sciencia e onde tinha o talento as suas mais fulgidas scintillações.

Foi em certa manhã triste e sombria que se partiu elle desta terra; alquebrado o corpo, exausto o seu vigor nas puas de insidioso morbo, mas lucido e forte o formoso espirito, pleno de nobres estimulos, de largas aspirações, como se enganosa perspectiva lhe emprestasse forças, irisando-lhe de esperanças o coração confiante.

E elle era, o nosso mallogrado collega, um espirito forte, um tenaz no labor e na lucta. Attesta-o sua obra, fecunda e vasta. Ao lado dos primeiros estudos da pathologia indigena, testemunho já honroso de uma faculdade poderosa de trabalho, servida por notavel descortino intellectual, brilham de vivissima luz os estudos eruditos na cathedra que honrou, premiados na sagração respeitosa dos centros mais elevados da cultura medica, e nos quaes perpassa, em grande parte, com a erudição, que mais e mais se affirma, um sopro de piedade, um contingente valioso á bella e humanitaria concepção lombrosiana do Uomo delinquente, um nobre e generoso em prol das raças inferiores, um protesto vibrante e convencido contra a inflexibilidade antinatural e antiscientifica dos moldes penaes ante a diversidade de raças, de temperamento e de meio cosmico, um grito de dó pelos pobres insanos, e, em meio a tudo, um generoso e esforçado impulso, tenaz e continuo, pelo levantamento da medicina publica em nosso paiz, neste proprio estado.

Se uma vista de conjuncto dessa obra ha de reconhecer e applaudir a orientação firme e segura, o vigor do scientista e o ardor da propaganda, lhe não pode recusar a justiça da critica, além de outros, o titulo, sobre todos honroso, de creador da anthropologia criminal brasileira, com que acaba de laureal-o emerito confrade da Faculdade do Rio.

A outros, porém, e mais de espaço, o perfil minudente do scientista. Combalido ainda, prestes quase a precedel-o de perto na romagem mysteriosa do Além, pude ainda viver, para, neste momento angustioso, trazer-te, saudoso amigo, o adeus supremo de teus collegas, a expressão dolorida de sua admiração e de sua saudade.

Quantas aspirações, Senhores, quantas, alevantadas e altruisticas, lhe não povoaram o espirito! - Era a França, a antiga metropole tradicional da civilização e da intelligencia, mal deposta ainda de seu primitivo esplendor; a França, com seus institutos seculares, em cujo ambito parece vibrar até hoje a voz abalisada de Orfila, de Broca, de Claude Bernard, de Charcot, de Pasteur, de Brouardel; - era a Germania, era a Austria, centros luminosos e intensissimos de cultura scientifica, com suas admiraveis officinas de ensino medico, cheias ainda dos echos pserduraveis de Virchow, de Rindfleisch, de Rokitansky; era a Italia, - Milão, Roma, - a Italia maravilhosa, solenne nas suas ruinas, gracil e encantadora nas linhas artisticas de seus monumentos, nos fustes de suas columnas, nos fulcros de seus zimbórios, austera e grave na grandeza epica de seus vulcões; a Italia, nomeadamente, que parece querer focalisar os progrssos surprehendentes da anthropologia criminal, ao influxo forte de Lombroso, de Garofolo e Ferri.

Que mundo de emoções, gratas e suggestivas, lhe estava reservado nessas colmeias humanas, nesses centros de trabalho e de estudo, ao contemplar de perto, embevecido, as conquistas assombrosas da sciencia, as mirificas manifestações do senso esthetico nas letras e nas artes, e, especialmente, o avanço triumphal da bella e humanitaria sciencia que fora a ultima paixão de seu espirito!

Acode á mente entristecida a enormidade da perda desse material vastissimo e precioso, que soffregos esperavamos, a desentranhar-se mais tarde em proficuas applicações em pró da sciencia e do ensino, em quadros fieis, sentidos e vividos no proprio scenario de sua origem, quadros á Barthelemy, nos quaes se reflectissem, em traços firmes e seguros, naquelle estylo vigoroso e correntio, que tão bem lhe moldurava o pensamento, a vida intellectual e os progressos da sciencia nos varios centos de alem-mar.

Não o quis, porém, o máo fado de nossa Faculdade e, recusando-nos o bem que anceavamos, nos manda a fluctuar sobre o dorso das ondas, em funebre jornada de paragem longinqua, não desejado escritorio alviçareiro, o thesouro inestimavel das novas acquisições, haurido na observação reflectida e intelligente, mas est'outro escritorio, triste e desconfortante, a urna funeraria que vae baixar lugubrememente ao seio profundo da terra, ás retortas reductoras desse laboratorio immenso e mysterioso.

Pungente ironia, digna somente da penna elegiaca de Klopstock ou de Mistress Barbauld!

E nós o recebemos, e vós o recebestes, mocidade de minha Patria, com o mesmo recolhimento e o mesmo orgulho com que outrora, em frente ao sumptuoso cortejo que acompanhava á França os restos repatriados do prisioneiro heroico de Santa Helena, “o meteoro que cahiu e se afundou numa ilha do Atlantico”, respondia o rei ao principe de Joinville nesta só phrase, admiravelmente expressiva e de uma eloquencia concisa e sublime: “Eu os recebo, Senhor, - em nome da França”.

É, por nossa vez, em nome da Patria, Senhores, que aqui estamos nós. Sim: não é a Patria somente a porção de gleba onde respiramos o primeiro atomo de oxygenio e se nos dilatou o peito no primeiro grito de dôr; não é tão só a arvore umbrosa sob cujos ramos, num desses poentes de nosso céu tropical, cheios de effluvios saudosos e doces scismares, nos estremeceu o coração juvenil no alvoroço do primeiro idylio; não é tão pouco a recamara estreita, mas povoada de sonhos, onde, soltandos as azas á imaginação, nos raiou n'alma a aurora phantastica da esperanza; não é ainda a torre branca da ermida, em cujas aras, como no sonho bíblico, nos elevamos ao céu nos degrãos dessa escada luminosa que é a prece; não é, por fim, o campo sagrado a cujas lapides nos prende, nos laços da saudade, a lembrança carinhosa dos que foram pedaços do nosso ser. É mais do que isso a Patria; é a concretisação das energias vivas do talento, das aspirações, da coragem, do carinho, das lendas, da historia; é esse parimonio moral, sublime e inegalavel, que todos zelam e cultuam com o fervor dos crentes, com a calma reffectida e firme dos velhos ou os arroubos

entusiasticos da juventude. Sim, a Patria é isto e, mais que tudo, acima de tudo, a intelligencia, a esperança, o ardor; a Patria é a mocidade!

Por isso é que, como na França de 1840, recebemos nós estes restos, num momento solenne de reconhecimento e unção – em nome da Patria, da grande Patria Brasileira.

Mas a morte não aniquila, Senhores. Na vasta obra de professor erudito, nas paginas esculpturaes de sua penna amestrada, no ensinamento fecundo da cathedra, palpita de vida intensa e brilho inapagavel a alma inteira do scienista e sempre se sentirá a rija envergadura daquelle espirito alevantado e audaz. Superior á contingencia da materia, não morrerá sua obra, e os quatro muros desse ergastulo a que o acorrentaram – novo Caucaso de um outro Prometheu – se dilatam, por maravilhosa transformação, no magestoso portico por onde entram os immortaes.

Nem mesmo a argilla que nos envolve a morte aniquila. Mentem os livros sagrados da India legendaria, pondo em face de um Deus creador um Deus destruidor, - minotauro insaciavel, para quem na phrase de Quinet, seccam as folhas, a juventude se faz velhice, tudo desaparece e morre. Não, não ha destruição; a morte não destroe, transforma. Quando, afinal, nos processos fataes e admiraveis da alchimia subterranea, se desligarem as moleculas que foram a ambula luminosa daquelle grande espirito, entrarão de novo na circulação universal e desse proprio cadaver saltarão victoriosas, numa explosão triumphante de vida e de belleza, as corollas polychromicas que esmaltam e perfumam as veigas e as collinas. Então veremos em toda parte o grande amigo, materializado de novo, nas finas ondulações do ether imponderavel, nas vibrações luminosas que nos ferem a retina, na planta germinante, no iris da corolla, no perfume da flôr. Teremos sempre ante nós uma particula ao menos de seu corpo, a transformação – quem sabe? – de uma molecula evadida de seu coração ou de seu cerebro. Sim, a morte não destroe; o tumulo é um Thabor.

E quando no espaço estalar bruscamente o uivo da tormenta e riscas sinistras fulgirem subito no horizonte ennegrecido e, loucos, espavoridos, se contorcerem doidamente os ramos do cypreste na furia do vendaval e parecer que os proprios tumulos se agitam em convulsões epilepticas de uma danza macabra, - vir-nos-ão á lembrança as procellas de sua alma, apaixonada pelo bem, na qual rugiam ás vezes imprecações terriveis, na lueta destemida pela verdade e pela justiça, a fustigar os erros com o latego vingador com que foram expulsos os mercadores do templo, a fulminar, terrivel e sublime, em explosões de colera sagrada, o preconceito, o erro, o emperramento, a rotina.

Mas nas noites enluardadas, quando parecer que dorme a propria alma das cousas e sobre o grande silencio da necropole se derramar da amphora celeste, em tenuissima poeira de prata, essa claridade bôa e doce, feita de nostalgias, que a tudo envolve, como se fora a ternura de um olhar meigo e dolente, corado pelo azul infinito com a doçura de uma caricia, e na frança do arvoredado, agitado de manso, murmurar meigamente a surdina dos beijos, - então nos parecerá sentir a doçura infinita de sua alma bôa, ingenua e serena como a dos justos, illuminada pela limpidez crystallina da consciencia, e ouvir um pouco desses ruidos mysteriosos, dessas vozes interiores, dulcidas e empolgantes, que nos cantam dentro d'alma e segredam no coração do homem as impulsões do bem.

Lá, saudoso confrade, lá, onde se te abriram os olhos ao primeiro banho de luz, na terra decantada dos viridentes palmares, em cuja fronde tremula aves do céo fazem ninhos, rufam azas palpitantes e chilra, pelas alvoradas alegres e nos crepusculos melancolicos, a sonata nostalgica de aligeros menestreis, querula e triste como um psalmo de David, - lá, onde o vazio enorme no coração dos teus é amphora minuscula para as lagrimas amarissimas que o assoberbam, quando um dia fender o espaço, na accentuação arrojada de suas linhas, o bloco de marmore sobre o qual se erguerão mais uma vez a honra e o orgulho da terra lendaria de Gonçalves Dias, de João Lisbôa e Odorico Mendes, já terás aqui, nesta alma parens da lealdade e do amor, um moimento mais que todos

expressivos: a lembrança viva de tua obra, os echos que ainda repercutem a tua voz no vasto recinto do nosso templo da Sciencia e Caridade, a memoria agradecida dos beneficios que derramaste e, em dignificante remate, a legenda de teu nome, como labaro de combate, na propria tenda cujas ameias já se apresentavam para scenario de novas glorias, ao influxo irreprimível de tua paixão do trabalho.

E se, ao gladio devastador de algum genio máo, houvessem de ruir lá, no mesto ninho saudoso de tua infancia, o marmore e o bronze erguidos á tua memoria, o monumento que já tens aqui neste recanto de terra abençoado, irmão do teu na louçania ridente e incomparavel de suas veigas e de suas encostas e na emotividade profunda de seu povo, e, como elle, ninho alcandorado de aguias atrevidas, o moimento que já se ergueu na intelligencia e no coração desta terra legendaria de Manoel Victorino e Ruy Barbosa, “verde ninho murmuroso de eterna poesia, debruçado entre as ondas e os astros”, - esse a tudo resistiria impavido e firme, no largo pedestal augusto dos corações que te amaram, erecto e intrangível, mais rijo que o marmore, mais perenne ainda que o proprio bronze.”

Concluído o panegírico, escutado no mais profundo silêncio, os acadêmicos das três escolas superiores retiraram o esquite da urna e o colocaram na sepultura, sendo sobre ele depositadas muitas flores e capelas. Em seguida, a sepultura foi coberta por uma grande lápide de mármore.

Parte VII

Terça-feira, 21 de agosto de 1906 – A viúva do Dr. Raymundo Nina Rodrigues divulgou nas folhas desta capital a seguinte nota de agradecimento:

“AGRADECIMENTO

Maria Couto Nina Rodrigues, sua familia e a de seu fallecido esposo, ainda sob o peso da mais intensa dôr, cumprem o doloroso dever de protestar de publico o seu profundo e inolvidavel reconhecimento aos corpos docente, discente e administrativo da Faculdade de Medicina, á Faculdade Livre de Direito, e á Escola Polytechnica, ao exmo. sr. dr. governador do Estado, ás auctoridades superiores, civis e militares, ao Congresso Legislativo e ao Conselho Municipal, á imprensa, e a todas as pessoas, familias e corporações, que se dignaram manifestar-lhes, por qualquer modo, a expressão de suas condolencias, por occasião do terrivel golpe que soffreram, assim como a todos os que assistiram as exequias e acompanharam o feretro desde a sua chegada até ao cemiterio, pedindo permissão para accentuarem a maxima gratidão aos que tomaram de si, com a mais espontanea generosidade, a incumbencia dos funeraes.

Bahia, 20 de agosto de 1906.”

Errando amiudadamente em piedosa romagem historiográfica e pesquisadora na região dos finados, no Campo Santo, da Casa da Santa Misericórdia, com o objetivo de também tirar retratos dos mausoléus e sepultura de insignes lentes da Faculdade de Medicina da Bahia, quedei-me, em um domingo do mês de abril do corrente ano de 2006, em comovido silencio, ante o túmulo do Dr. Nina Rodrigues. Ao seu lado, repousava o seu fraterno amigo, colega e concunhado, o diretor da Faculdade de Medicina da Bahia, o Professor Doutor Alfredo Britto; bem próximo, jazia o lente de Higiene, Dr. Joaquim Matheus dos Santos, (1865-1903), falecido em Berlim; em frente, a sepultura do lente de Clínica Cirúrgica, Dr. Manoel Victorino Pereira, (1853-1902).

Em clima de oração e de profunda reflexão, parecia-me ter sido conduzido para o dia 11 de agosto de 1906, no zênite do sol com o lampejo do seu séqüito de luz, naquele mesmo lugar, no ato do sepultamento do Dr. Raymundo Nina Rodrigues: passos silenciosos; perpassar de fatos e vestidos lutuosos; olhos lacrimosos; algumas senhoras senhorinhas debulhadas em prantos; ciciar de

orações; pessoas assoando-se com grandes soluços; cheiro de cemitério estesiano as narinas; alguns circunstantes com acesso de “spleen”. Cismativo, nos meus quiméricos pensamentos, encontrava-me no meio de rosas desfolhadas, ciprestes alevantados e pálidos e esmaecidos mármores no momento da sagração dos sufrágios, que eternizavam a saudade do Dr. Nina Rodrigues.

Ante aquele túmulo, a piedade dos pósteros engrinaldará a memória do extinto com lágrimas e com um terníssimo culto de recordação e veneração. A renovação desse preito pelo grande vulto da Medicina Legal, que a fatalidade veio intercalar uma dolente pagina de luto na história da Medicina, estará sendo efetivada pela celebração do centenário do falecimento do Dr. Nina Rodrigues, oportunidade em que a Bahia e o Brasil avultarão pela História a grandeza dos seus feitos ilustres e dos seus atos memoráveis.

Poder-se-ia concluir esta narrativa, apresentado aligeiradas considerações em derredor dos centenares de trabalhos que compõem a vasta bibliografia do Dr. Nina Rodrigues, desde a sua primeira publicação A morfêia em Anajatuba (Maranhão) até os mais preciosos artigos, teses, discursos, pareceres, aulas, escritos em jornais etc.

Achei mais apropriado apresentar inéditos e valiosos manuscritos originais a respeito do infante Nina Rodrigues, que desde a sua puerícia, lá pelas bandas da província do Maranhão, já se aprontava, mediante os estudos preparatorianos, para alçar vôo e se avultar entre os mais celebrados cientistas do seu tempo.

O rapaz Raymundo Nina Rodrigues, 20 anos de idade, embarcou para a cidade da Bahia, a bordo do vapor nacional Bahia, que atracou à terra desta capital no dia 9 de março de 1882, procedente dos portos do Norte. Desembarcaram 79 passageiros, conforme se observa no alentado e assaz ponderoso livro de registro de entrada de passageiros do “Commisariado da Policia do Porto”. Lê-se, no dito livro, o nome Raymundo Nena (sic) Rodrigues, de nacionalidade “brazileira”, procedente do Maranhão. Alguns companheiros de viagem do jovem Nina, registados no referido, serão citados: “D.^f Antonio Cruz Cerdeiro, D.^f José Lino, D.^f Alexandre Gomes Pereira, D.^f Orlando Sicupira, D.^f Octaviano Loureiro, D.^f Affonso Uchoa, D. r Affonso Mendonça, D.^f José Garcia Loureiro, Felinto Bastos, (vindo de Pernambuco), Leopoldo (escravo), Eliza e 1 menor (liberto), João, Antão e Antonia (criados)”.

Os passageiros sobreditos, além dos demais não mencionados, vieram do “Maranhão, Ceará, Natal, Parahyba, Pernambuco e Maceió.”

Entraram no Porto da Bahia, em 9 de março de 1882, além do vapor Bahia que transportou o moço Nina, as seguintes embarcações transportando viajantes: Os navios “Hiate” e “Trez Irmãos”, procedentes de Estância e o “paquebot” francês “Niger”, procedente de Bordeaux por escalas.

Chegando à cidade da Bahia no dia 9 de março, o dinâmico e aplicado estudante Raymundo Nina Rodrigues dirigiu-se o mais cedo possível até a Faculdade de Medicina da Bahia, sobraçando seus preciosos documentos, a seguir minuciosamente apreciados, para efetivar a tão desejada matrícula naquela Escola, levada a efeito no dia 10 daquele mês.

Por conseguinte, está anexada a este trabalho cópia por “scanner” do documento manuscrito original do instrumento dado em pública forma, em Vargem Grande, província do Maranhão, aos quatorze de junho de 1876, no qual está exarado o assentamento do batizado do “innocente” Raymundo, conforme se lê: “Instrumento dado e passado em publica forma do officio de mim tabelião com o theor de que abaixo se de clara

Saibão os que este publico instrumento de publica forma virem que no Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil oito centos setenta e seis, aos quatorze dias do mês de Junho do dito anno, em meu escriptorio, nesta Villa de Vargem grande, compareceu o Alferes Martiniano Andrade e me apresentou uma certidão passada pelo Padre Raymundo José Lecont da Fonseca, requerendo-me que desse-lh-á em publica forma, ao que saptisfasendo recebi a dita certidão e dou, cujo theor é o seguinte: Raymundo José Lecort da Fonseca Presbytero Secular e vigario Collado na Freguesia de São Sebastião do Iguará. Certifico que hoje, na Fazenda Santa Severa baptisei solemnemente e pus os Santos oleos ao innocente Raymundo nascido a quatro de Dezembro de mil oito centos e sessenta e dois, filho legitimo de Francisco Solano Rodrigues e Dona Luiza Rosa Ferreira Nina e forão padrinhos Antonio José Maya, representado pelo Tenente Raymundo Alves de Abreu e Dona Rosa Bernardina Ferreira Nina. Santa Sevéra doze de Dezembro de mil oito centos sessenta etres. Padre Raymundo José Lecont da Fonseca. Via-se uma estampilha do valor de duzentos reis devidamente inutilisada da maneira seguinte: Vargem grande quatorze de Junho de mil oito centos setenta e seis. Otabelião Marianno José de Mello. Está conforme e reporto-me ao original que devolvi a parte. Eu Marianno José de Mello, tabelião que a transcrevi e assigno em publico e raso.

Em testemunho da verdade

Otabelião

Marianno José de Mello”

“Instrumento

2”000

Rasa

“760”

“R. ce do Alferes Andrade

Rubrica: Mello”

À margem esquerda do documento está consignado: “Reconheci as por semelhante que tenho visto (a assignatura do tabelliam Marianno José de Mello./ OEscr.^m/ Rubrica Ilegível.”

Ao lado, na dita margem, está uma estampilha verde de 200 reis, com a effigie de D. Pedro II e escrito sobre o selo referido: “Vargem grande 14 de Junho a 18 (ilegível) / tabelião Marianno José de Mello”.

Outro documento manuscrito, original e inédito, reproduzido por “scanner”:

“Francisco Joaquim Ferreira Nina, Doutor em Medicina pela Faculdade da Bahia

Attesto que o Sr. Raimundo Nina Rodrigues foi vaccinado há tres annos mais ou menos – Maranhão, 1 de Março de 1882”

Estampilha com a effigie de D. Pedro II, no valor de 200 reis, sobre a qual está a data e rubrica do médico Dr F. J. Ferr.^a Nina.

“Reconheço a assignatura supra

Maranhão 1.^a de Março de 1882

Em test da verd.^e

O Tab.^{am} Fabio Gomes Francisco de Mattos”

Dez (10) reproduções por “scanner” de documentos manuscritos originais e inéditos referentes ao certificado de aprovação em “Exames Geraes”, emitido pela “Secretaria da Delegacia especial da

Inspectoria Geral da Instrucção Publica da Côrte em Maranhão”, assinado pelo secretário Antonio Aniceto de Azevedo, com datas de 13 e 14 de fevereiro de 1882.

Os sobreditos certificados atestavam que o alumno Raymundo Nina Rodrigues fez os seguintes exames: “Portuguez”, “em dezoito de Julho de 1879 e foi aprovado plenamente”; “Francez”, “em sete de Novembro de 1879 e foi aprovado plenamente com distincção.”; “Geographia”, em vinte e dous de Julho de 1880 e foi aprovado plenamente com distincção.”; “Arithmetica”, em desesete de Novembro de 1880 e foi aprovado plenamente com distincção”; “Inglez”, em vinte e seis de Novembro de 1880 e foi aprovado plenamente com distincção.”; “Latim”, em vinte e cinco de Julho de 1881 e foi aprovado plenamente”; “Álgebra”, em tres de Agosto de 1881 e foi aprovado plenamente”. “Geometria”, em dez de Agosto de 1881 e foi aprovado plenamente com distincção”; “Historia”, em vinte de Dezembro de 1881 e foi aprovado plenamente com distincção”; “Philosophia”, em vinte e quatro de Dezembro de 1881 e foi aprovado plenamente”.

Manuscrito original e inédito, reproduzido por “scanner”, relativo à petição do moço Raymundo Nina Rodrigues, com data da Bahia, a 10 de Março de 1882, dirigida ao diretor da Faculdade de Medicina da Bahia, requerendo que seja matriculado na primeira série do curso medico: “Illm.º e Ex.º Sr. Cons. Dr. Director da Faculdade de Medicina da Bahia.

Raymundo Nina Rodrigues, achando-se habilitado para freqüentar as aulas da primeira serie do curso medico, como prova com os documentos juntos, requer a V. Ex.ª que se digne mandar matricular-o nas referidas aulas, pelo que

E. R. M.^{ce}

Bahia 10 de Março de 1882

Raymundo Nina Rodrigues.”

No frontispício da petição estava lavrado: “Matriculado B^a 15 de M.^{co} 1882

Rodrigues”

E, finalmente, o último documento original e inédito, também reproduzido por “scanner”:

“308

RECEBEDORIA / (brazão do Império) / DA BAHIA

MATRICULA DA FACULDADE DE MEDICINA

n.º 808

EXERCICIO DE 188 Á 188

REIS 51\$200

A F. 28 do Livro 45 de Receita fica lançada em debito ao actual Thesoureiro Maximiano dos Santos Marques a quantia de cincoenta e um mil e duzentos reis que pagou Raymundo Nina Rodrigues da 1.ª prestação de sua matricula na 1.ª serie do curso medico.

Recebedoria da Bahia, 10 de Março de 1882

Pelo Thesoureiro, (rubrica ilegível) / O Ajudante, Catão Pereira de Mesquita.”

Concluída a presente exposição, e depois de conhecer mais um pouco a respeito da biografia e os trabalhos do cientista Dr. Nina Rodrigues, creio firmemente que o afamado lente de Medicina Legal, através do seu vigor do espírito e a força do gênio, do talento e dos méritos, dos seus préstimos e serviços, poderia estar intimamente associado, 68 anos mais tarde, ao pensamento de

André Malraux, em Lazare, em 1974, quando enunciou: “... je cherche la région cruciale de l’âme, où le Mal absolu s’oppose à la fraternité.”

Quanto a mim, acrescentaria, como palavras do fim, parafraseando a manifestação de Horácio, ao dizer em Odes. III, 30, 6, apropriadamente aplicada à vida prestante do Dr. Nina Rodrigues: “Non Omnis Moriar”, isto é, “Não morrerei de todo: parte da minha obra há de sobreviver-me.”

FONTES CONSULTADAS:

PRIMÁRIAS E IMPRESSAS

Biblioteca Central do Estado da Bahia

Seção de periódicos raros

Diário da Bahia, 5 de maio de 1906; 8 de maio de 1906; 9 de agosto de 1906; 10 de agosto de 1906; 11 de agosto de 1906; 12 de agosto de 1906; 21 de agosto de 1906.

Jornal de Noticias, 5 de maio de 1906; 18 de julho de 1906; 8 de agosto de 1906; 10 de agosto de 1906; 11 de agosto de 1906; 13 de agosto de 1906;

Diário da Noticias, 25 de maio de 1906.

Jornal da Bahia, 4 de maio de 1906.

FONTES PRIMÁRIAS E MANUSCRITAS

Faculdade de Medicina da Bahia, ao Terreiro de Jesus, da Universidade Federal da Bahia
Arquivo e Biblioteca do Memorial da Medicina Brasileira

Livro de atas das sessões da Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia – Ano 1906: Sessão da Congregação em 28 de abril; sessão em 18 de julho; sessão em 25 de julho; sessão em 20 de setembro.

Maço contendo os documentos exigidos para a matrícula do preparatoriano Raymundo Nina Rodrigues, em 10 de março de 1882, na 1.ª série do curso médico da Faculdade de Medicina da Bahia.

“Livro de Avisos e Telegrammas:

Repartição Geral dos Telegraphos.”

Avisos do Ministério da Justiça e Negócios Interiores.

FORTE PRIMÁRIA IMPRESSA

Biblioteca particular do A.

Rebello GP. Oração proferida pelo Dr. Guilherme Pereira Rebello junto ao túmulo do Dr. Nina Rodrigues. Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina da Bahia. Typ. Bahiana, de Cincinato Melchiades: – Bahia, p.282-288, 1906.

Seção Republicano

“Commissariado” de Policia do Porto. Livro de Entrada de Passageiros. Livro n.º 03; data: 9 de março de 1882.

“Commissariado” de Policia do Porto. Livro de Entrada de Passageiros. Livro n.º 10; data: 10 de agosto de 1906.

Seção Judiciária

Inventário – Dr. Raymundo Nina Rodrigues

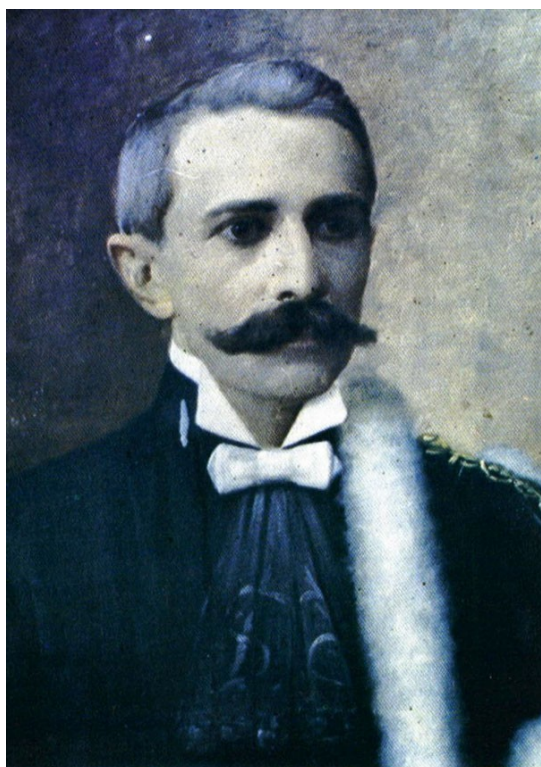
Período: 1906/1916. Folhas 41.

Classificação: 01/58/68/65

Advogado: Dr. Antonio Carneiro da Rocha.1

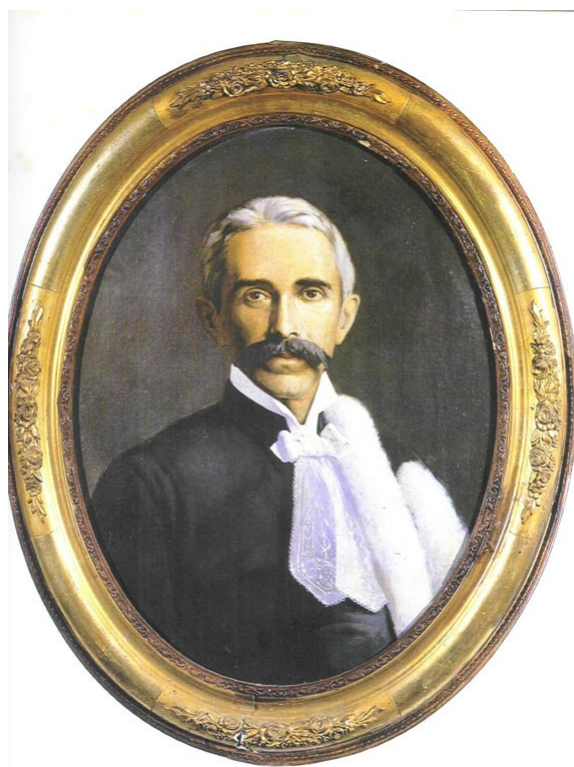
D. Maria Couto Nina Rodrigues (viúva) – Inventariante e herdeira, com a filha Alice

Galeria de Fotos



NINA RODRIGUES

Dr. Nina Rodrigues. Fotografia do livro Velho e Novo “Nina”, de autoria do Professor Estácio de Lima.



Dr. Nina Rodrigues. Fotografia do livro Memorial da Medicina. Universidade Federal da Bahia, 1983. Quadro exposto na Sala da Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia – UFBA.



Professores da Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia. Fotografia de autoria de R. A. Read. Ano: 1903. O Dr. Nina Rodrigues é o primeiro na fila da frente, em pé à direita.



Faculdade de Medicina da Bahia. Ano 1903. Autor da foto: R. A. Read



Prédio do antigo Instituto “Nina Rodrigues”. Do livro: Velho e Novo “Nina”, do Professor Estácio de Lima.



Gabinete do Instituto “Nina Rodrigues”. Fotografia: autor desconhecido.



Fotografia de autoria de Benjamin R. Mulock – 1859.

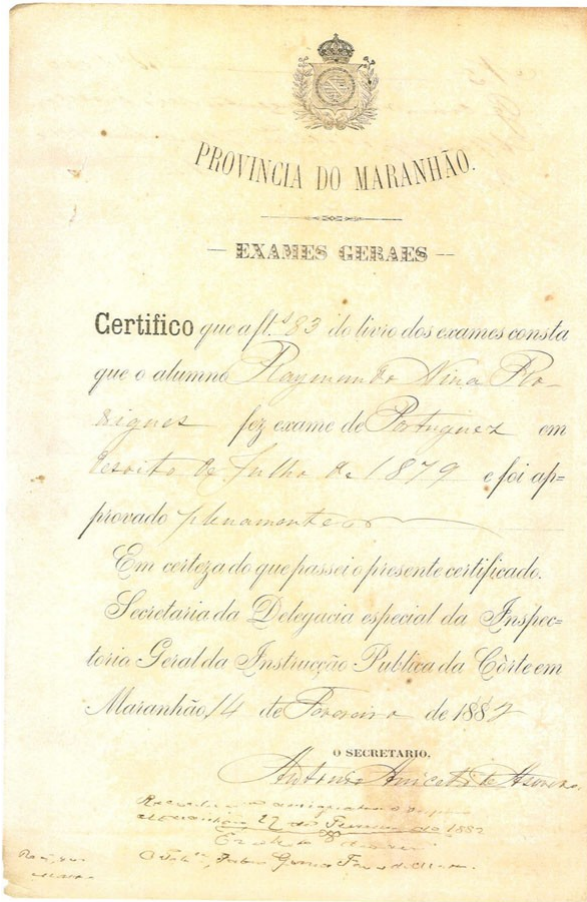
O Dr. Nina Rodrigues residiria 50 anos mais tarde na Ladeira de São Bento.

A sua residência é o 4º sobrado à esquerda, contando do 1º casarão da esquina que futuramente seria o Hotel Sul Americano.

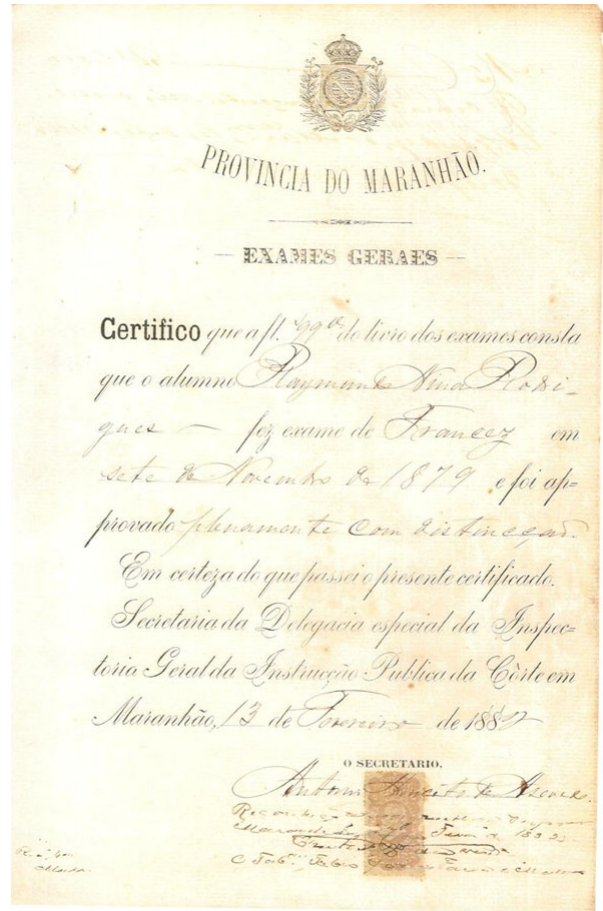
álbumen 19,5 x 22,5 cm 1859 GF

Ladeira de São Bento, em direção ao largo do Teatro, vendo-se ao fundo o forte do Mar e, ao centro, o chafariz que hoje está no largo da Mariquita, no Rio Vermelho.

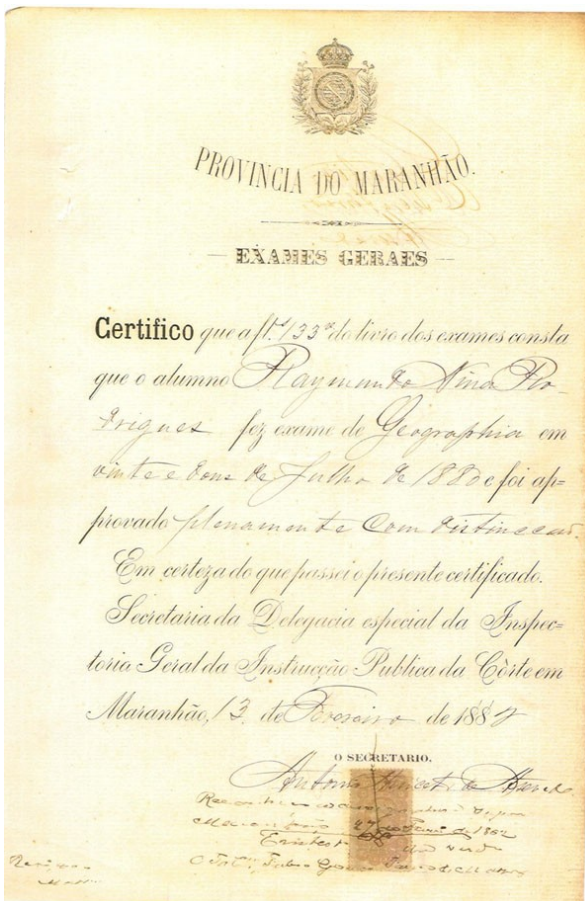
Certificados de Aprovação do Dr. Nina Rodrigues



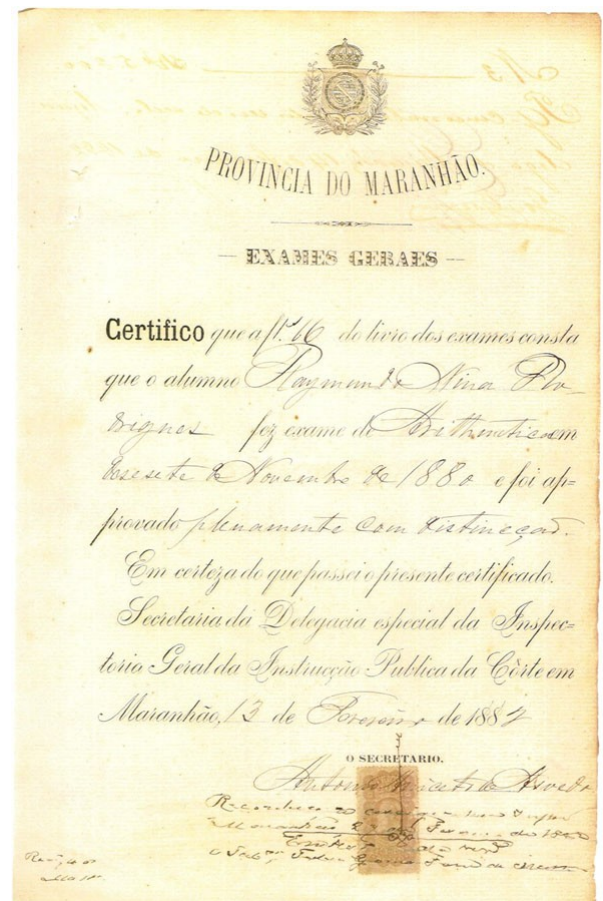
Certificado de aprovação plenamente em Português – 1879.



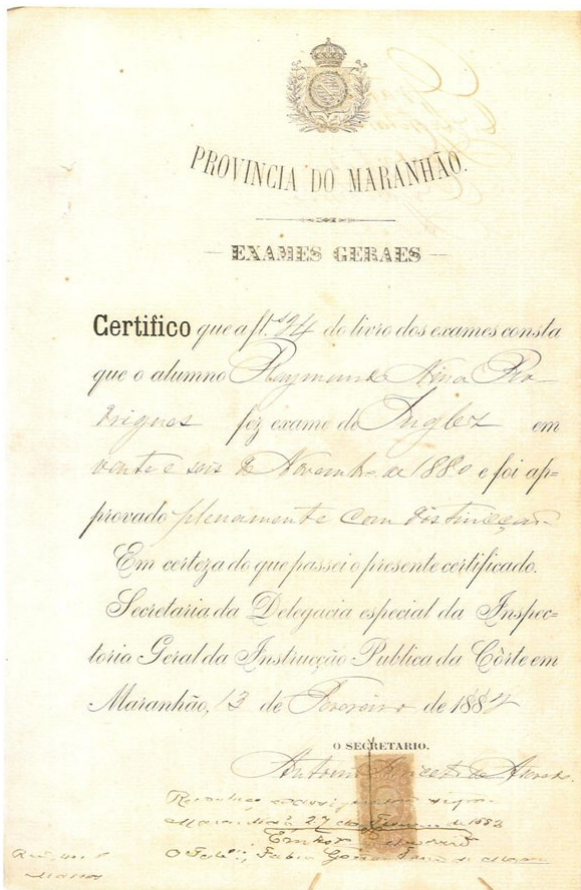
Idem, plenamente com distinção em Francês – 1879..



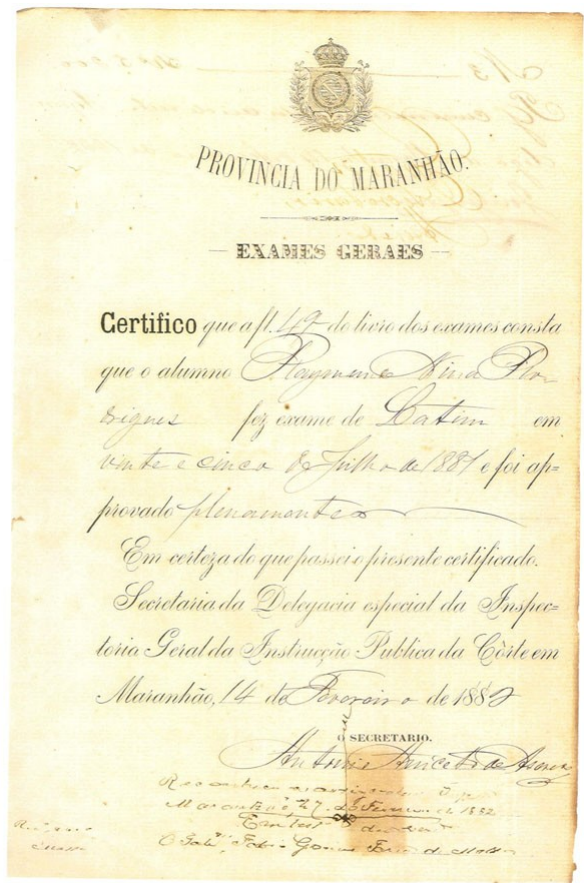
Idem, aprovado plenamente com distinção em Geografia – 1880.



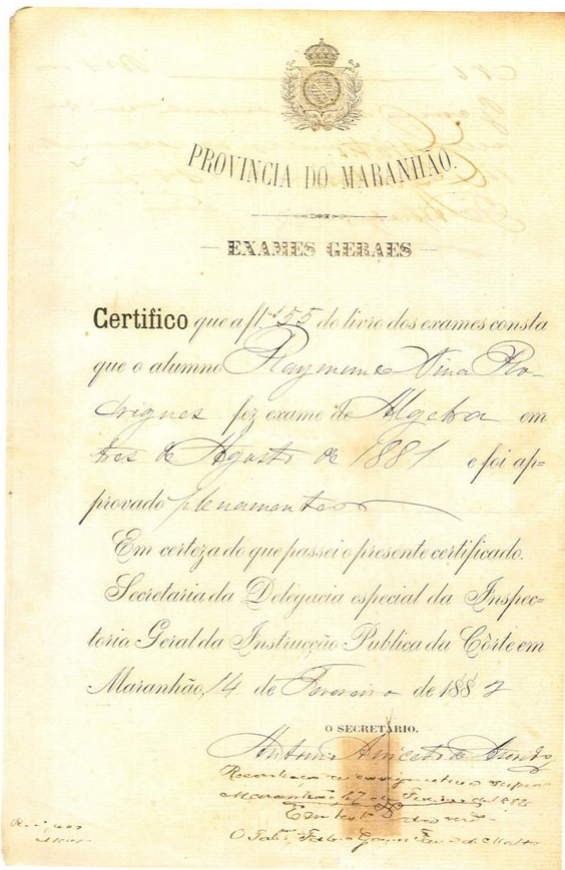
Idem, aprovado plenamente com distinção em Aritmética.



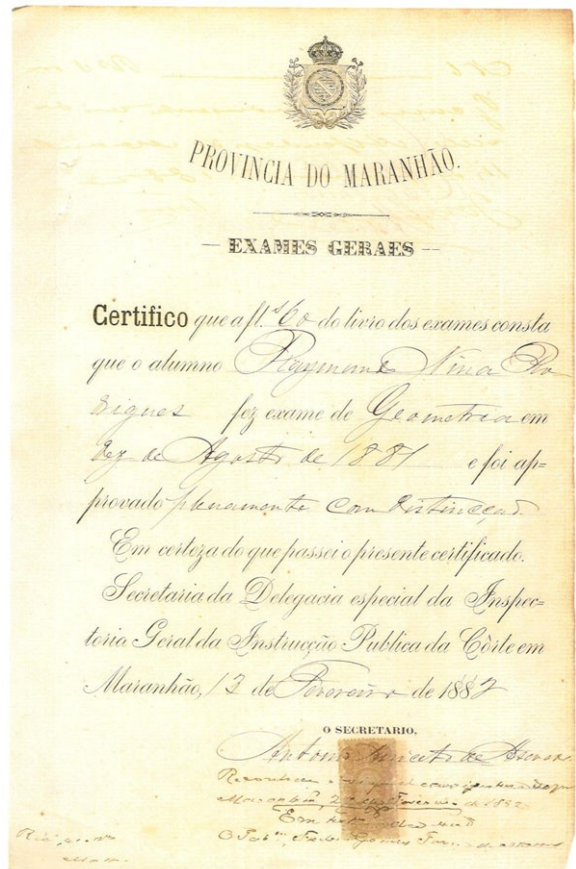
Idem, plenamente com distinção em Inglês – 1880.



Idem, plenamente em Latim – 1881



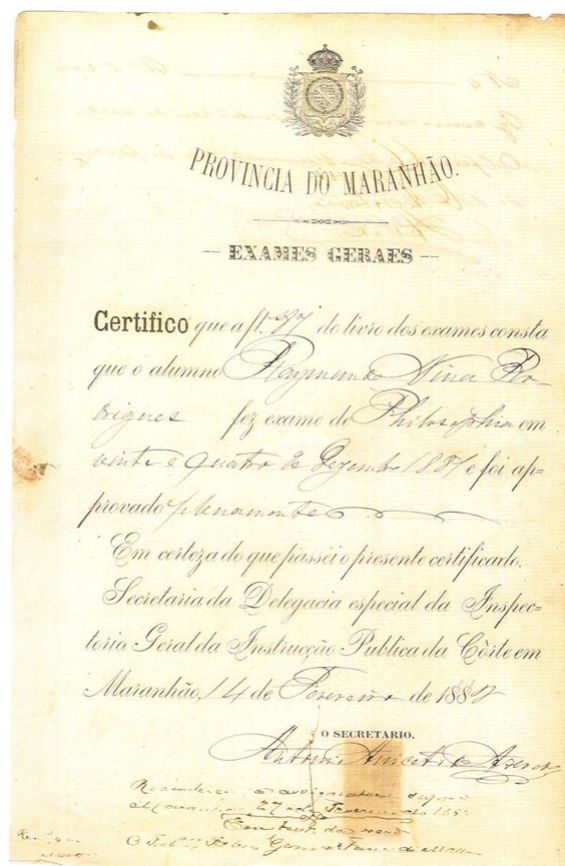
Idem, plenamente em Álgebra – 1881.



Idem, plenamente com distinção em Geometria – 1881.

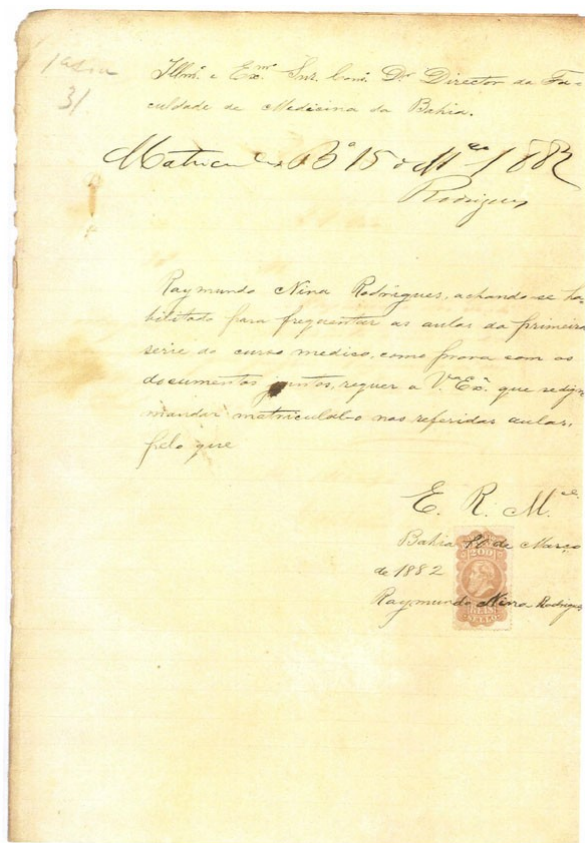


Idem, plenamente com distinção em História – 1881.



Idem, plenamente aprovado em Filosofia – 1881.

Outros documentos



Petição ao diretor da Faculdade de Medicina da Bahia para frequentar as aulas da primeira série do curso médico, em 10 de março de 1882.



Estandarte da Faculdade de Medicina da Bahia que acompanhou as exéquias do Professor Dr. Raymundo Nina Rodrigues.



Túmulo do Professor Dr. Raymundo Nina Rodrigues no cemitério do Campo Santo, da Casa da Santa Misericórdia, fotografado pelo autor deste trabalho.



ARAGON "Liner" da
Royal Mail Steam
Packet Company

Reproduzido do endereço: <http://www.merchantnavyofficers.com/rm2.html>

Anexo I

CERTIDÃO DO REGISTRO DO NASCIMENTO DE ALICE COUTO NINA RODRIGUES. DATA DO CASAMENTO DO DR NINA RODRIGUES

A 06 de maio de 1903, o Dr. Raymundo Nina Rodrigues dirigiu-se ao arquivo da Secretaria da Intendência Municipal da capital do Estado da Bahia para passar por certidão o teor do registro de sua filha Alice:

“ Ill.º Sn’r Intendente –

O Doutor Nina Rodrigues, a bem de seu direito precisa que V. Ex.^{cia} lhe mande passar por certidão o teor do registro de nascimento de sua filha Alice o qual teve lugar em doze de Janeiro do anno de 1895 no districto da Victoria cujos livros se acham recolhidos no archivo desta Intendencia.

Nestes termos pede despacho

Bahia 6 de Maio 1903

Dr. R. Nina Rodrigues.”

“Certifico em cumprimento ao despacho supra, que no archivo da Secretaria da Intendencia Municipal da Capital do Estado da Bahia, se acha recolhido o livro de registros de nascimentos do districto da Victoria, sob numero quatro dos annos de mil oitocentos e noventa e quatro a mil oitocentos e noventa e sete e delle as folhas trinta e seis verso, consta o assentamento do teor seguinte. Numero nove. Aos doze dias do mez de Janeiro do anno de mil oitocentos e noventa e cinco nesta Capital do Estado da Bahia districto de paz Parochia de Nossa Senhora da Victoria em meu Cartorio compareceu o Doutor Raymundo Nina Rodrigues e as testemunhas no fim nomeadas e assignadas declararão que no dia dês de Dezembro do anno de mil oitocentos e noventa e quatro, as cinco horas da manhã sua mulher Dona Maria Couto Nina Rodrigues deu a luz a uma criança do sexo feminino que se chamará – Alice – sua filha legitima nascida na mesma casa onde são moradores a Rua Forte de São Pedro casa numero trinta e um, o declarante é médico, natural do Estado do Maranhão, casado, nesta Capital, na Freguesia de Sant’Anna aos vinte e oito de Janeiro de mil oitocentos e noventa e trez, e sua mulher é natural desta Capital são Avos paternos da criança o Coronel Francisco Solano Rodrigues e Dona Luiza Rosa Nina Rodrigues e maternos o Conselheiro Doutor José Luiz de Almeida Couto e Dona Amelia de Azevêdo Couto, são testemunhas Francisco de Azevedo Bomfim e o Doutor José Calazans de Azevedo Costa. E para constar lavrei o presente termo que assigna commigo o declarante e as testemunhas depois de lhes ter lido e acharem conforme o que dou fé. Eu Arestides Alexandrino do Valle Escrivão de paz, official do Registro Civil o escrevi por ordem do Juiz de paz em exercicio o Major Francisco Augusto Pereira de Mattos. Arestides Alexandrino do Valle. (assignados) Doutor Raymundo Nina Rodrigues. Francisco de Azevêdo Bomfim e Doutor José Calazans de Azevedo Costa. O referido é verdade e está escripto e para constar, eu Fraternal de Meirelles, archivista da Secretaria da Intendencia Municipal da Capital do Estado da Bahia passei a presente aos sete dias do mez de Maio de mil novecentos e trez e vae subscripta e assignada oelo Doutor Alfredo Devoto, sub-secretario da Intendencia Municipal da Capital do Estado da Bahia, subscrevo e assigno.

Dr. Alfredo Devoto

Nº 2174 PV 495

Pagou de emolumentos novecentos e noventa e cinco reis.

B.^a e 2.^a Secção do Thesouro Muni.^{al} 7 de Maio de 1903

Rubrica ilegível

Rubrica ilegível”

No frontispício do documento vê-se uma estampilha de 200 réis e na dita grafada “Republica Brasileira / Imposto do sello/ Estado da Bahia”

“Nº 478

de 257 / 6-5-903

Segue-se o despacho: “Como pede – Em 5- 5 903”

Cf. Arquivo Público do Estado da Bahia

Secção Judiciária

Inventário – Dr. Raymundo Nina Rodrigues

Período: 1906/1916. Numero de folhas: 41Classificação: 01/58/68/65

Advogado: Dr. Antonio Carneiro da Rocha

D. Maria Couto Nina Rodrigues (viúva) –Inventariante e herdeira, com a filha Alice.

Cf. páginas 39-40.

SOLICITAÇÃO DE EMANCIPAÇÃO DE ALICE.

“Exmo Sn’r Dr. Juiz de Direito da Vara de Orphãos

Diz a abaixo assignada, filha do fallecido Dr. Raymundo Nina Rodrigues, que tendo atingido a maioridade no dia 10 de Dezembro de 1916, requer a V. Ex.^a que se digne de julgal-a emancipada, para os fins de Direito.

Nestes termos

P. a V. Ex.^a deferimento

Bahia 24 de Maio de 1916

Alice Couto Nina Rodrigues”

Obs, Assinatura sobre estampilha de 300 réis – “Estado da Bahia – Brazil – Imposto do Sello.”
(N.A.)

No frontispício da petição vê-se a observação: “Venha nos autos – B.^a 25 de Maio de 1916

L. de Carvalho.”

Cf. Ibid. p. 35.

“Exm.º Sn’r. D. r Juis de Direito da Vara de Orphãos

D. Alice Couto Nina Rodrigues, cumprindo o respeitavel despacho de V. Ex.^a vem apresentar a certidão de registro dp seu nascimento, para que possa ser julgada emancipada, e requer a V. Ex.^a que se digne de, julgada a sua emancipação, conceder a Supp. te alvará para que seja retirada a clausula de menoridade das apolices da Divida Publica deste Estado, de n. os 17.089 a 17.107 e 10.966 e das apolices da Divida Publica da União, de n. os 128.814 a 128.817 e 122.493 a 122.497, sendo que estas se acham averbadas na repartição competente na cidade do Rio de Janeiro.

Nestes termos,

P. a V. Ex.^a deferimento.

Bahia 5 de Junho de 1916

Alice Couto Nina Rodrigues”

Obs. Assinatura sobre estampilha no valor de 300 réis – “Estado da Bahia – Brazil- Imposto de Sello” (N.A.)

No frontispício está consignado: “Venha nos autos. B.^a 5 de Junho de 1916

L. de Carvalho.”

Cf. Ibid. p. 38.

“Nascida D, Alice Couto Nina Rodrigues e filha legitima de Dr. Raymundo Nina Rodrigues, e D. Maria Couto Nina Rodrigues, em 10 de Dezembro de 1894 completou vinte e um annos de idade em egual data de 1915, certidão a fl.

Atingindo assim a maior idade a declara emancipada e apta para todos os actos da vida civil.

Deferindo o requerimento a fl. passe-se o alvará solicitado.

B.^a 6 de Junho de 1916

L. de Carvalho.”

Cf. Ibid. p.41.”

“Certifico que scientifiquei Dona Alice Couto Nina Rodrigues de todo o conteudo da Sentença retro. Dou fé, Bahia 8 de 1916. O Esc. m int. o Carlos da Rocha Reis.”

“Certifico que forão expedidos os alvarás requeridos na petição de fl. s 14.v e 15.v sob numeros 18 e 19. Dou fé. Bahia 9 de Junho de 1916. o Esc. m int.º Carlos da Rocha Reis.”

Cf, Ibid. p. 41-v.

Obs. O nome do Juiz de Direito que rubricava os despachos como L. Carvalho era “Leovigildo Gonsalves de Carvalho.” (N.A.)

Anexo II

BATISMO DE ALICE NINA RODRIGUES

Transcrição Paleográfica e Diplomática do manuscrito



Universidade Católica do Salvador
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de História/ Centro de Documentação
Laboratório de Conservação e Restauração
Reitor Eugênio de Andrade Veiga



ANEXO II

DADOS DO MANUSCRITO

Livro de batizados 1890-1896
Paróquia da Vitória
Fólio 150 retro
Estante 02
Caixa 27

A numeração em negrito corresponde ao número original das linhas no texto.

Seminário Central – Avenida Cardeal da Silva nº 205 – Engenho Velho da Federação – 40.220-140 – Salvador – BA
Tel. 71 324.7748 Fax 71 247.8711 Correio eletrônico: lev@ucsal.br

Transcrição Paleográfica e Diplomática – página: 150 retro

Aos vinte e tres de Março de mil oito-
centos e noventa e cinco, na Matriz da Victoria da Victoria, o Rev(erendissi)mo Conego Antonio
Elziario Machado, com licença minha, baptizou solemnem(en)te a Alice, bran-
ca, com edade tres mezes, filha legitima do D(ou)tr Raymundo Nina
05 Rodrigues, e D(ona) Maria Couto Nina Rodrigues; forão padrinhos o Ex(celentissi)mo
Cons(elheir)o José Luiz d'Almeida Couto, e D(ona) Luiza Nina Rodrigues,
que passou procuração a D(ona) Dulce de Azevedo Costa. Do que p(ar)a con-
star, m(an)dei fazer este assento que assigno. Mons(enhor) Solon
Pereira

Anexo III

Compra de terreno para a sepultura de Nina Rodrigues

Com. do Sr. Com. Provedor e m.º mordomos da Santa Casa de Misericórdia da Bahia

Deferido, para aquisição de um terreno de 6x10 no quadro 6 pagando a quantia de 240\$. B.ª e Meza da S.ª Casa, 17 de agosto de 1906

Os abaixo assignados, representantes da Commissão de Exequias a seu pranteado Mestre D.ª Nina Rodrigues, confiados nos sentimentos altamente patrioticos e civicos da Illustre Meza d'essa utilissima e Santa Instituição, vêm pedir-vos, digneis fazer-lhes a dadiva do terreno no Cemiterio do Campo Santo, onde perpetuam.ªe desejam encerrar os restos mortaes do illustre e caritativo Medico, que tanto honrou a B.ª, elevando o nome brasileiro como scientista de raro merito, reconhecido e proclamado em todo o paiz e no estrangeiro; cumprindo-lhes declarar-vos q., se por qualquer circumstancia não fôr possivel a essa illustre meza conceder-lhes a graça impetrada, obrigam-se a pagar o m.º terreno pela quantia q.ª vos dignardes estipular e q.ª, estão certos, será a menor possivel. Nestes termos

P. deferimento

Bahia, 7 de Agosto de 1906

J. A. de Magalhães.
Aydano Sampaio.
*Edmundo Carvalho.**
Oscar de Castro Loureiro."

Requerimento para aquisição por doação ou compra, datada de 7 de agosto de 1906, de terreno no cemitério do Campo Santo, da Casa da Santa Misericórdia da Bahia, para a sepultura perpétua do cadáver do Prof. Dr. Raymundo Nina Rodrigues, firmada pela “Commissão de Exequias”, constituída de moços acadêmicos das três escolas superiores da Bahia.

A seguir, reprodução por cópia xérox do comovente e edificante documento manuscrito relativo ao sobredito assunto, pesquisado no Arquivo Histórico da Casa da Santa Misericórdia da Bahia e a respectiva transcrição, na íntegra, do teor da petição.

“Ex.º S.º Com.º Provedor e m.º mordomos da Santa Casa de Misericórdia da Bahia

Os abaixo assignados, representantes da Commissão de Exequias a seu pranteado Mestre D.ª Nina Rodrigues, confiados nos sentimentos altamente patrioticos e civicos da Illustre Meza d'essa utilissima e Santa Instituição, vêm pedir-vos, digneis fazer-lhes a dadiva do terreno no Cemiterio do Campo

Santo, onde perpetuam.ªe desejam encerrar os restos mortaes do illustre e caritativo Medico, que tanto honrou a B.ª, elevando o nome brasileiro como scientista de raro merito, reconhecido e proclamado em todo o paiz e no estrangeiro; cumprindo-lhes declarar-vos q., se por qualquer circumstancia não fôr possivel a essa illustre meza conceder-lhes a graça impetrada, obrigam-se a pagar o m.º terreno pela quantia q.ª vos dignardes estipular e q.ª, estão certos, será a menor possivel. Nestes termos

P. deferimento

Bahia, 7 de Agosto de 1906

J. A. de Magalhães.
Aydano Sampaio.
Edmundo Carvalho.*
Oscar de Castro Loureiro.”

No frontispício do requerimento está lavrado o despacho: “Deferido, para aquisição de um terreno de 6 X 10, no quadro 6, pagando a quantia de 240\$. B.ª e Meza da S.ª Casa, 17 de Agosto de 1906”

Segue-se ao deferimento a rubrica do provedor da Casa da Santa Misericórdia: Manoel de Souza Campos.

À margem esquerda do dito documento está exarado: “L.^{do} á fl – 183 do L.^o C.S.^o sob (ilegível) n.^o 1375 = : 240\$000

Terreno 6 X 10 Q. n.^o 6 – ao Campo Santo.

Comprado p.^r Edmundo Carvalho representante da Comissão de exequias”.

À margem esquerda, na parte inferior: “L.^{do} afl 42.”

***Edmundo de Carvalho.**

O benemérito e caritativo doutorando Edmundo de Carvalho, integrante da Comissão de Exéquias, sustentou tese inaugural em 30 de outubro de 2006, a fim de obter o grau de Doutor em Medicina, dissertando sobre o tema “Campo Visual dos Epilepticos” / (Continuação ao estudo do Campo Visual dos Degenerados), apresentando as Proposições “Trez sobre cada uma das cadeiras do curso de Sciencias Medicas e Cirurgicas”.

Natural do Rio de Janeiro e filho legítimo do Dr. Antonio Amancio Ferreira de Carvalho e de D. Emilia da Silva Carvalho.

Era “Bacharel em Sciencias e Letras pelo Gymnasio de S. Paulo; ex-auxiliar do “Hospital Ophtalmologico do Dr. Pignatari” em S. Paulo; ex-interno da clinica “Ophtalmologica” da Faculdade de Medicina da Bahia.

A tese foi editada em São Paulo, em 1906, na Duprat & Comp. e continha 65 páginas.

O diretor da Faculdade de Medicina da Bahia era o Dr. Alfredo Britto e o vice-diretor o Dr. Manoel José de Araujo.

Ocupava o cargo de secretário da Faculdade o Dr. Menandro dos Reis Meirelles e a função de sub-secretário era exercida pelo Dr. Matheus Vaz de Oliveira.

O visto da tese foi registado na Secretaria da Faculdade de Medicina da Bahia em 30 de outubro de 1906, pelo secretário Dr. Menandro dos Reis Meirelles.

O doutorando Edmundo de Carvalho recebeu pela Faculdade de Medicina da Bahia, na sua formatura, a subida honraria de laureado por ser considerado o melhor aluno do curso. (N. A.).

A sobredita tese esta registada sob n.^o 584 na Biblioteca e Arquivo da Faculdade de Medicina ao Terreiro de Jesus, da Universidade Federal da Bahia, Memorial da Medicina Brasileira.

Anexo IV

INAUGURAÇÃO DO PANTHÉON NA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA E COLOCAÇÃO DO RETRATO DO DR. EDMUNDO DE CARVALHO A 22 DE DEZEMBRO DE 1906 NA SALA CONSAGRADA A TODOS OS ALUNOS LAUREADOS

Após as solenidades de colação do grau aos doutorandos do ano de 1906, e em conformidade com o Artigo n.º 352 do Código do Ensino, foi colocado no Panthéon o retrato do aluno laureado e compassivo Edmundo de Carvalho, quando no ensejo realizou-se a inauguração da sala destinada para este fim, onde já se encontravam os retratos dos alunos laureados Antonio do Prado Valladares, Celestino Bourroul e Osvaldo Ferreira Barbosa.

Cf. – Página n.º 28 da “Memoria historica dos acontecimentos mais notaveis ocorridos (sic) durante o anno de 1906 apresentada pelo Dr. Carlos de Freitas, lida e aprovada unanimemente em sessão da Congregação de 1.º de Outubro de 1907 – Bahia”

Texto manuscrito de 44 (quarenta e quatro) páginas.

“Remetida ao Governo em officio de 25 de Abril de 1908.”

Registada na Biblioteca da Faculdade de Medicina da Bahia, ao Terreiro de Jesus, da Universidade Federal da Bahia, sob n.º 00178.

